

poemas  
contos  
microcontos

PANDEMIAS-



Organizador  
Aldenor Pimentel

**PANDEMIAS:  
POEMAS, CONTOS, MICROCONTOS**

*Aldenor Pimentel*  
**Organizador**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA – UFRR

**REITOR**

José Geraldo Ticianeli

**VICE-REITOR**

Silvestre Lopes da Nóbrega

**EDITORA DA UFRR**

**Diretor da EDUFRR**

Fábio Almeida de Carvalho

**CONSELHO EDITORIAL**

Alcir Gursen de Miranda

Anderson dos Santos Paiva

Bianca Jorge Sequeira Costa

Fabio Luiz de Arruda Herrig

Georgia Patrícia Ferko da Silva

Guido Nunes Lopes

José Ivanildo de Lima

José Manuel Flores Lopez

Luiza Câmara Beserra Neta

Núbia Abrantes Gomes

Rafael Assumpção Rocha

Rickson Rios Figueira

Rileuda de Sena Rebouças



Editora da Universidade Federal de Roraima  
Campus do Paricarana – Av. Cap. Ene Garcez, 2413,  
Aeroporto – CEP: 69.310-000. Boa Vista – RR – Brasil  
E-mail: [editora@ufrr.br](mailto:editora@ufrr.br)

A Editora da UFRR é filiada à:



**Copyright © 2022**  
**Editora da Universidade Federal de Roraima**

Todos os direitos reservados ao autor, na forma da Lei.  
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) e é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Imagem da capa**

Otávio Coelho

**Editor**

Aldenor Pimentel

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Victor Mafra

Camila Apiscope

**Revisão Ortográfica**

Aldenor Pimentel

**Capa**

Otávio Coelho

**Dados Internacionais de Catalogação Na Publicação (CIP)**  
**Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima**

P644p	Pimentel, Aldenor. Pandemias : poemas, contos e microcontos / Aldenor Pimentel. – Boa Vista : Editora da UFRR, 2022. 136 p.  ISBN: 978-65-5955-038-8 Livro eletrônico.  1 – Literatura brasileira. 2 – Poesia brasileira. 3 – Contos brasileiros. I – Título. II – Universidade Federal de Roraima.  CDU – 869.0(81)-1/-.36
-------	--

Ficha Catalográfica elaborada pela: Bibliotecária/Documentalista:

Shirdoill Batalha de Souza - CRB-11/573-AM

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade dos autores.

O texto deste livro foi avaliado e aprovado por pareceristas ad hoc.

**PANDEMIAS:  
POEMAS, CONTOS, MICROCONTOS**

*Aldenor Pimentel*  
**Organizador**

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>COMISSÕES JULGADORAS.....</b>	<b>11</b>

## **POEMAS AVULSOS**

### **COVID**

Ronaldo Dória dos Santos Júnior.....	13
--------------------------------------	----

### **DÉJÀ-VU**

Jorge Basilio Lirio.....	14
--------------------------	----

### **PANDEMIA**

Flora Carvalho Herrmann.....	17
------------------------------	----

### **EM MIM**

Kryssia Ettl Mendonça de Souza.....	18
-------------------------------------	----

### **O RIO DAS TRISTEZAS**

Joseani Vieira.....	19
---------------------	----

### **I S O L A M E N T O**

#### **COLETIVO IDEAL**

Carlos Brunno Silva Barbosa.....	22
----------------------------------	----

### **CIRANDA DA PANDEMIA**

Carlos Brunno Silva Barbosa.....	23
----------------------------------	----

### **SEQUELA SOCIAL**

Maria Gabriela Cardoso.....	25
-----------------------------	----

### **POEDEMIA**

Francisco Guilherme.....	27
--------------------------	----

### **FICA**

Monize Luiz Santos.....	28
-------------------------	----

### **SEM MÁSCARAS**

Alexandre Morais Paulino.....	29
-------------------------------	----

<b>QUANDO O VÍRUS PASSAR</b> Samia Maria Awada Elarrat Canto.....	30
<b>PRA LONGE</b> Alexandre Morais Paulino.....	31
<b>SEI QUE VOLTARÁS</b> Regiane Silva.....	33
<b>FANTASMAS</b> Werner Vilaça Batista Borges.....	34
<b>DEPOIS DE QUANDO</b> Sérgio Bernardo.....	35
<b>O EXÉRCITO DE BRANCO – UM POEMA ÉPICO PARA O SUS</b> Pedro Altair de Barros Joaquim.....	36
<b>STOP!</b> Francisco Guilherme.....	37
<b>CERTEZAS</b> Flora Carvalho Herrmann.....	38
<b>LEMBRANÇA NOSSA</b> Vanessa Brandão.....	39
<b>DIAS LIBERTOS</b> Perpétua Amorim.....	41
<b>FRÊMITO DE SER</b> Neide Pereira de Oliveira.....	42
<b>PARTIR COMO QUEM FICA</b> Lucas Túlio Pereira.....	43
<b>SEM MÁSCARAS</b> Ronaldo Dória dos Santos Júnior.....	45

## **PÓS-PANDEMIA**

Luciano Dídimo Camurça Vieira.....46

## **MINHA CRIANÇA**

Leidejane Machado Sá.....47

## **POEMA SOBRE A PANDEMIA**

Marcelo Perez Maciel.....48

## **CONTOS**

### **A ILHA**

Sammis Reachers.....50

### **O LEGADO DE UM HERÓI**

Alex Alexandre da Rosa.....53

### **OS VENTOS MENSAGEIROS**

Adriano Monte Alegre.....55

### **PAN**

Patricia da Silva Boni.....59

### **O MELHOR AMIGO**

Sandra Rodrigues.....62

### **CÉUS NUBLADOS**

Victor Carreão.....69

### **DESINTOXICAÇÃO**

Kíssila Muzy.....74

### **FAUSTA**

Marcelo Pacheco Soares.....79

### **FIM**

Maximiliano da Rosa.....85

### **NÃO ROUBARÁS**

David Ehrlich.....87



<b>A MENDIGA E O POETA</b>	
Marcio Freitas.....	94
<b>ALGO ALÉM DO VÍRUS</b>	
Daniel de Souza Silva Júnior.....	99
<b>PÓS-GUERRA</b>	
Juliana Nascimento Berlim Amorim.....	106
<b>RÉQUIEM PARA OS NATIMORTOS</b>	
Edih Longo.....	109
<b>A FOGUEIRA</b>	
Jenny Alexandra Rugeroni.....	116
<b>VULNERÁVEIS</b>	
Robson Rosário Curvêlo.....	120
<b>MICROCONTOS</b>	
<b>11.441/07</b>	
Carlos Brunno Silva Barbosa.....	126
<b>A CURA</b>	
Alex Alexandre da Rosa.....	127
<b>SEM TITULO</b>	
Valeria Borges.....	128
<b>CINZAS</b>	
Paulo Florindo.....	129
<b>IMUNIZADA</b>	
Soninha Nunes.....	130
<b>DIÁLOGOS DA PANDEMIA</b>	
Lucas Antonio Kirilko.....	131
<b>MELISSA</b>	
Monize Luiz Santos.....	132

<b>INFÂNCIA INTERRROMPIDA</b>	
Marcos Antonio Campos.....	133
<b>SAÍDA</b>	
Olivaldo Gomes da Silva Junior.....	134
<b>VÍTIMA DA ESTUPIDEZ</b>	
Sebastião Pereira do Nascimento.....	135
<b>PAUSA</b>	
Élide Correia Cervantes.....	136
<b>OLHARES</b>	
Renato Massari.....	137
<b>DESPEDIDA</b>	
Gabriel Alencarv.....	138
<b>O INCRÉDULO</b>	
Regiane Cristina Lopes da Silva.....	139
<b>OXÍMEL</b>	
Diógenes Carvalho Veras.....	140
<b>IRONIA</b>	
Lucas Antonio Kirilko.....	141
<b>ÚLTIMO SUSPIRO...</b>	
Sebastião Pereira do Nascimento.....	142
<b>OS DOIS</b>	
Brunno Vianna de Andrade.....	143
<b>MAIS DO QUE PALAVRAS</b>	
Agnes Izumi Nagashima.....	144
<b>FIM</b>	
Soninha Nunes.....	145

## APRESENTAÇÃO

Segundo ano da pandemia de Covid-19. Temos vacinas. Temos movimentos anti-vacina. Temos ainda um caminho a percorrer.

O II Concurso Literatura de Circunstâncias, realizado pela Editora da Universidade Federal de Roraima (UFRR), segue firme no mesmo propósito da edição anterior: incentivar a produção literária nacional e internacional, com ênfase na produção local, por meio da publicação e divulgação da produção literária.

O tema também se mantém: Pandemias: cuidados, prevenção, efeitos e consequência sobre a vida humana: dimensões múltiplas de uma temerária e inquietante experiência coletiva.

Quanto aos gêneros literários, temos algumas novidades. Além da antologia de contos, microcontos e poemas, de modo semelhante à edição de 2021, decidimos que era hora de alçar voos mais altos: pela primeira vez, esta edição publica um livro individual. No caso, um livro de contos foi o selecionado.

Para tanto, tivemos a colaboração, como membros da Comissão Julgadora, de: Fernando Simplício, Fábio Almeida de Carvalho, Isabel Fonseca, Verônica Prudente, Thiago Pinheiro, Eduardo Amaro, Rosidelma Fraga, Hellen Rodrigues, Georgina Pinho. A todos(as), nossa gratidão.

Aproveitamos também para render nossas homenagens às vítimas da pandemia. E àqueles que, no mesmo período, partiram por causas outras, sem que pudéssemos nos despedir direito. Em especial, os talentosos Jaider Esbell e Otaniel Mendes de Souza.

Que em tempos sufocantes de isolamento social, a literatura nos abrace e nos devolva o ar.

Aldenor Pimentel

Coordenador do projeto de extensão da UFRR *Literatura de Circunstâncias*

Fim de ano de 2021

## COMISSÕES JULGADORAS

### ***Categorias: Microconto e Poema Avulso***

Fernando Simplicio dos Santos

Fábio Almeida de Carvalho

Isabel Fonseca

### ***Categoria: Livro individual***

Veronica Prudente

Thiago Pinheiro

Eduardo Amaro

### ***Categoria: Conto Avulso***

Rosidelma Fraga

Hellen Rodrigues

Maria Georgina dos Santos Pinho e Silva

POEMAS  
avulsos

## COVID

*Ronaldo Dória dos Santos Júnior*

Vendaval assola o povo brasileiro  
Rios de tristeza, morte e agonia  
E o nosso presidente, que não é coveiro:  
“É fantasia da mídia a questão da pandemia”

Não era somente uma gripezinha, afinal  
Milhares de cruces, imagem bastante eloquente  
E o nosso Messias, pregando o amor fraternal:  
“Outras gripes mataram muito mais gente”

Meses sem ministro, barco vagando sem direção  
Armas inúteis contra a devastadora covid  
Estupidez e incosequência acima de toda razão

Preceitos da ciência vistos com desdém  
Nos dias de hoje, há quem dela duvide  
Estamos reféns da sabedoria dos cidadãos de bem

## DÉJÀ-VU

*Jorge Basilio Lirio*

### I.

Eu não sabia,  
o girar do pião  
de nossas infâncias ser  
a primeira magia  
a suspensão de nossas  
órbitas oculares  
leitosas e  
porcelânicas

Eu não sabia,  
a suspensão de nossas  
órbitas oculares  
ser capaz de re  
girar um pião no  
espaço-  
tempo  
entre nossas cabeças [e  
um chão de azulejos  
policromados]

Eu não sabia,  
a tremenda epifania  
em reencontrar um pião  
em sua órbita  
g e o s t a c i o n á r i a  
quicando na Escadaria Selarón [entre  
um beijo de turistas taiwaneses  
em máscaras PFF4]

Eu não sabia,  
que nessas horas,  
tentamos nos reconectar com  
as emoções mais puras,  
um respiro,  
um espirro  
: expulsão reflexa fótica [ou  
Sol na cara]

Eu não sabia,  
das nossas arcadas dentárias  
em forma de búzios,  
da mordida no carma,  
do ósculo no caos [e  
o arrancar de pedaços  
das nossas recordações]

Eu não sabia,  
de suas unhas arranhando  
os azulejos portugueses  
na cozinha,  
abrindo fissuras no  
espaço-  
tempo [apenas  
por um suspiro  
de amor, em cima da  
pia]

Eu não sabia,  
poder viver em um mundo  
entre a meditação e  
a pandemia [com você  
a me sustentar  
dessas vertigens  
do ser]



Eu não sabia,  
ter a respiração presa  
a cada cinco segundos,  
como quando se perde o fôlego  
na piscina

[{a primeira vez}]

## II.

Mensagem de áudio

“Amor, não tenho forças para me levantar, estou preso na Lapa entre  
nossas lembranças,  
um pião e um beijo pós-apocalíptico  
busque-me uma última vez, meu giro é impermutável  
de dentro para fora  
sem você”.

Haveria o pião de nossas infâncias nunca parado seu voraz spinning,  
em algum lugar fora de nossas memórias lânguidas?

Eu já não sabia.

## PANDEMIA

*Flora Carvalho Herrmann*

Releio o livro  
resofro o sofrido  
relavo a louça  
recomo a comida  
redurmo o sono  
refalo com amigas  
repinto a pintura  
revarro a casa varrida  
redigo o dito  
recarrego minhas energias  
revejo filmes  
remoldo argila  
reolho o céu  
revivo a vida

## EM MIM

*Kryssia Ettel Mendonça de Souza*

Todos os dias  
Dentro de casa  
Dentro de casa  
Todos os dias  
Dentro de mim  
Todas as casas.  
Dentro,  
Dentro,  
Dentro...  
Um só eu  
Todos os dias  
Dentro  
Todas as casas  
Que vivem em mim.

## O RIO DAS TRISTEZAS

*Joseani Vieira*

No leito do rio Aquerontes  
O barqueiro dos mortos  
Embarca as almas recém chegadas.  
As lágrimas dos que ficam  
Alimentam esse rio que nunca seca.  
Segue caudaloso e perene  
Como se fosse um rio de vida,  
Um rio doce, um rio qualquer...

Caronte rema  
Num tristonho ritmo.  
Navegador de almas,  
Devia levá-las e nada sentir.  
Ser somente o barqueiro da morte  
Que leva as almas para seu julgamento....  
O barqueiro segue  
Pelo rio das viagens sem volta,  
Dos sonhos interrompidos,  
Dos gemidos de má sorte.  
Da incerteza no ar...

Nunca vira tamanha profusão de almas!  
Por que entre tantas  
Foram escolhidas aquelas?  
O que as diferenciava das outras?  
Por que alguns sobrevivem  
E outros morrem sem fôlego?  
Perguntas difíceis,  
Enigmas sem respostas.

Carontes não era dado a pensar,  
Mas não deixou de observar,  
Por entre o capuz da túnica lúgubre,  
Que eram almas diferentes  
Das que costumava receber.  
Não tiveram honras, nem foram purificadas,  
Não houve cortejo, não houve velório...

Vinham sem nenhum preparo,  
Sem moedas na boca,  
Seu óbolo tão precioso...  
Chegavam assim, indefesas e impuras  
Ao submundo de Hades.  
Quanta lamúria!  
Quanta tristeza!  
Quanta saudade!

São tantas almas que sofrem!  
Ele leva todas da mesma maneira  
As desesperançadas, as altivas,  
As das mães que gritam em desespero  
Pelo abandono dos filhos.  
As dos filhos que não se perdoam  
Por terem deixado seus pais.  
Umam arrastam as correntes da riqueza,  
Outras espelham a face da miséria!

Tácito ele transporta  
A dor dos aflitos e dos conformados.  
A dor dos doutores e dos subalternos.  
Dos pobres, dos ricos,  
Dos sábios e dos ignorantes.  
E a pior de todas as dores  
– A mesma que ele carrega –  
A de não se sentir ninguém!

Dentro o barco em Aquerontes  
Todas as almas se igualam.  
Partem sem levar nada do que tinham  
Serão julgadas, imparcialmente,  
Por aquilo que fizeram e foram  
Enquanto havia vida em seus corpos.  
Hades e Cérbero, sem nenhuma compaixão,  
Estão prontos para recebê-las!

**I S O L A M E N T O**  
**COLETIVO IDEAL**

*Carlos Brunno Silva Barbosa*

ele	ela
ela	ele
ele	ele
ela	ela
	nós
sem	nós
por	nós

A primeira pessoa do doente singular se perde no saudável anseio plural.  
Platão nos sorri a um metro e meio de distância.  
O Amor Ideal ganha Vida entre os homens.

## CIRANDA DA PANDEMIA

*Carlos Brunno Silva Barbosa*

O viajante infectado,  
de sorriso aberto, gestos largos,  
comunicava a quem via  
a negação de um vírus  
que ele próprio transmitia.

A esposa trancada,  
quase muda, sempre silenciada,  
não sabia a quem mais temia  
se o risco do contágio ou o marido  
que sempre a agredia.

O trabalhador, esgotado,  
pelo home slave office domesticado  
confessava no privado  
a quem on-line podia  
que, quanto mais sobrevivia, mais inexistia.

A beata, assustada,  
pelo temor a Deus ainda resguardada  
jurava no grupo das famílias  
a quem on-line a lia  
que o Juízo Final lhe penetrava na alma dia após dia.

O informal desempregado,  
de gestos contidos, sorriso machucado,  
mendigava a quem aparecia  
o pedido de uma vida mais aguerrida  
como a do trabalhador esgotado  
ou a do viajante infectado



que sempre lhe sorria.  
A pessoa amada,  
quase perdida, distanciada,  
prometia a quem não conhecia  
o sonho de uma vida mais bonita,  
melhor que a da esposa trancada,  
melhor que a da beata assustada,  
mas a distância permanecia.

O poeta mascarado,  
de sorriso vendado, fingidor descarado,  
da varanda, no alto, a todos assistia,  
mas, despido de medicina, seus doentes assistir não podia,  
enquanto velhos vazios vestiam extravagâncias nas casas vizinhas,  
escandalizando e viralizando mais que a moderna pandemia.

## SEQUELA SOCIAL

*Maria Gabriela Cardoso*

No hiato luminoso de uma leve tarde ensolarada, eis que os periódicos estampavam o temor já esperado: o inimigo invisível que corria solto por todos os hemisférios varrendo vidas pelo mundo à nossa cidade havia chegado.

O silêncio se fez presente contido numa turgidez de pensamentos afitos que dando início a trepidação sem rumo por entre os nervos, constringia o sangue, apertava o peito e revirava o estômago na fração de segundo do pensar voraz de perder algum ente querido a morte era uma nuvem realística de um pesadelo acordado.

A mudez das ruas berrava aos quatro cantos que estávamos sobrevivendo como personagens rabiscados, sem edições ou ensaios na pior distopia criada do medo de que atingisse o país, o estado, a cidade, que outrora assombrava, havia se tornado passado, sem leitos disponíveis, tudo se resumia a apenas orar para que, após contaminado, o estado de saúde não piorasse.

No piscar de olhos do despertar sonolento do pesadelo, uma violenta queda d'água jorrando corpos desembocava aos olhos de todos em um rio turvo e inerte de instabilidades políticas e econômicas enquanto o vírus seguia devastando pulmões, corações, e bolsos ninguém era poupado.

O fim estava doente, tornara-se quase tão banalizado quanto os meios; sem despedidas, velórios e sepultamentos, tudo se resumia a uma elementar passagem etérea iniciada por uma simples febre, que em uma questão de horas, decretava a despedida eterna.

Em pouco tempo, imersos na dormente absurdez da realidade, muitos haviam perdido a capacidade de contar; mil, dois mil, três mil, eram pancadas risíveis dentro das mentes incólumes escrachadas num quadro ao léu, onde, de forma pandêmica, notícias falsas circulavam.

Há quem dissesse que o mundo mudaria, pois chocando-se contra a orte diariamente, todos aprenderiam a valorizar a vida, mas ao cabo, destituindo-se de fé vendo a faceta animalesca de uma sociedade egoisticamente humana, aqueles que antes falavam, emudecidos pelas barbáries, silenciaram suas esperanças.

## POEDEMIA

*Francisco Guilherme*

Que seja o verso o último vírus a assolar a Terra,  
a inaugurar contaminações de esperança.  
Mas até lá estejamos atentos.  
A vida é essa.  
E não há caminhos pra voltar ao silêncio...

## FICA

*Monize Luiz Santos*

Depois que tudo passou,  
Aprendi que nada passa  
Fica  
Fica o impacto  
Fica a vontade  
Fica a fome  
Fica a panela  
Na janela  
Fica o sol batendo na sacada em toda manhã  
Fica a manhã apanhando sol em toda sacada  
Fica o barulho do trem carregando a madrugada  
Fica o silêncio da madrugada carregando o trem  
Nada passa  
E se olhar de novo  
Fica tudo bem

## SEM MÁSCARAS

*Alexandre Morais Paulino*

Onde estão os rostos?  
Sob máscaras!  
Onde estão os sorrisos?  
Sob máscaras!  
Onde estão os beijos?  
Sob máscaras!

Você viu as crianças na praça?  
Longe de todos estão.  
Você viu os namorados ao poente?  
Longe de todos estão.  
Você viu os trabalhadores ao nascer do dia?  
Longe de todos estão.  
Você viu o malabarista com seus malabares?  
Longe de todos está.

Longe de todos estamos,  
Entre paredes aguardamos  
O dia em que este ser silencioso  
Que a todos levou  
Também seja levado.

Para que, sem máscaras  
As crianças possam voltar a brincar na praça.  
Para que, sem máscaras  
Os namorados possam voltar a namorar ao poente.  
Para que, sem máscaras  
Os trabalhadores possam voltar a caminhar ao nascer do dia.  
Para que, sem máscaras  
O malabarista possa voltar a encantar com os seus malabares.

## QUANDO O VÍRUS PASSAR

*Samia Maria Awada Elarrat Canto*

Quando o vírus passar,  
Se eu ainda viver,  
Vou abrir minha porta,  
Correr para fora  
e agradecer

Vou buscar o abraço,  
O aperto de mão,  
Vou falar bem de perto  
com o amigo, o estranho,  
o parente, o irmão

Quando o vírus passar,  
Se eu ainda viver,  
Vou olhar diferente  
os encantos da Vida,  
Já que o Vírus da China  
Curou para sempre  
a cegueira que eu tinha.

## PRA LONGE

*Alexandre Morais Paulino*

Primeiro nada de sair.  
Nada de boneca na praça com toda a graça.  
Nada de correr de mãos dadas feito irmãos.  
Nada de correr pelo recreio sem receio.  
Nada de brincar de roda,  
Corre-corre, pega-pega, pula-pula...  
Nada,  
Nada,  
Nada...

Depois fiquei sabendo  
Que o seu Juca, o vizinho.  
Que a Dona Juçara, a professora.  
Que o Joca, o da padaria.  
Que a Senhora Júlia, a vó da Figuinha.  
Que o Seu Tuca, o tio da escola.  
Que todos foram e não voltam mais.  
Que ficaram com um dodói,  
Que espirraram muito,  
Que não brincaram de mascarados  
Ou que seus amigos não fizeram direito  
E agora não voltam mais.  
Foram pra lá no tão longe  
Que nem dar tchau puderam.

O que mais doeu foi  
Ver os olhos de mãe  
Chorarem um adeus.  
E, dizerem que o vô Julinho  
Também não voltava mais...



No agora fico na janela  
Vendo de longe  
O tempo ir pra longe.  
E fico esperando o dia  
Em que  
De longe venha o vento  
E sopra pra longe  
Esse malvado que entra  
Na gente  
E leva pra longe.  
Pra nunca mais voltar.

## SEI QUE VOLTARÁS

*Regiane Silva*

Cadeira de balanço vazia  
Telefone não toca  
Seus pés não entram pela porta.

Ligo a vitrola  
Como outrora  
A música me toca  
Minh'alma chora.

Tantas mortes  
Noticiário obituário  
Esse novo coronavírus é maldito!

Olho para o Céu  
Seguro sua foto  
Tenho fé  
Vamos voltar a prostrar  
Comer pão fresquinho  
Rir das lutas da vida  
Tomar juntos um delicioso café.

## FANTASMAS

*Werner Vilaça Batista Borges*

Daqui a algum tempo  
fantasmas estarão entre nós.  
espaços vazios  
nas cadeiras dos ônibus  
onde no mesmo horário encontrávamos  
os desconhecidos que sempre víamos;  
na fila do banco  
aqueles que quase sempre apareciam  
não estarão mais lá, e talvez  
a fila ande mais rápida,  
com menos prazer, mas  
mais rápida;  
senhorinhos que vão à padaria  
pela manhã  
não perfumarão mais o lugar;  
o tio barbeiro que concordava  
com todos os clientes  
não refletirá mais no espelho;  
a secretária que dava  
bom dia por obrigação  
deixará lembranças;  
aquele senhor rude  
que não sabia talhar as palavras mas que tinha bom coração  
deixará somente o silêncio.

Na cadeira de balanço  
a ausência estará ao  
fim da tarde  
a balançar,  
a balançar,  
a balançar...

## DEPOIS DE QUANDO

*Sérgio Bernardo*

O humano se reciclou? Há vida  
na casa que foi bunker e na rua  
reconhecida pelos pés a cada passo?  
Cada corpo atrás do que supôs perdido:  
caminhos de terra, mesas de bar, salas de cinema.  
Enquanto bicicletas voam no fim da tarde  
multidões atravessam a noite.  
O escritor que lançaria livro já não está  
no fundo da livraria  
com caneta e sorriso. Vê-se  
apenas a obra encostada a uma estante.  
Tudo (e nada) mudou:  
a senhoria quer aluguéis em atraso  
o habitante do asfalto, comida.  
Médicos remarcam cirurgias  
de alguém que não precisa mais. Banhistas  
vão à praia sem protetor solar.  
Toda a alegria de crianças se move  
em pátios de escola  
como cactos refluindo em desertos.  
Ressurgimento que assusta,  
mas acontece  
pondo cada um dentro dele  
com fúria e sem desculpa.  
Quase é estranho ver que o mundo continua.

## O EXÉRCITO DE BRANCO – UM POEMA ÉPICO PARA O SUS

*Pedro Altair de Barros Joaquim*

Uma gente de valor,  
Uma classe de alma pura  
Que ameniza de todos a dor  
Contra um vilão ainda sem cura;

Desde o começo da luta,  
Desde que a peste era cheia de mistérios,  
Tanta troça a tropa escuta  
Dos que adoram a paz dos cemitérios;

Em casa deixaram os filhos,  
Por nós foram para a guerra,  
São dignos de todos os brilhos  
Estes heróis de nossa terra;

Lutemos nós também,  
Cerremos fileiras com consciência,  
A máscara custa um vintém,  
Basta seguir a ciência;

Então é todos por todos,  
O SUS é o faroleiro,  
Atenção contra os engodos,  
E viva o profissional de saúde brasileiro!

**STOP!**

*Francisco Guilherme*

Look around  
gente sem UTI  
sem hospital

Há gente na rua  
sick  
&  
down

Baby, look down  
uma nova cova  
se abre

Lockdown  
antes que o mundo  
se acabe.

## CERTEZAS

*Flora Carvalho Herrmann*

Passou um ônibus  
grande, pesado e cheio  
de pessoas, de máscaras  
e de olhares agoniados  
alguém lá dentro,  
que respira, dorme e come,  
dentre alguns dias estará entubado  
ou morto

## LEMBRANÇA NOSSA

*Vanessa Brandão*

Eu não esquecerei  
Mesmo que passem os anos  
E queiram serenar a memória dos mortos  
Não darei cabo à minha indignação

Não esquecerei o coração veloz de medo  
Nos momentos que eu merecia paz  
Nem os riscos em que me lancei  
Buscando proteger minha família do invisível

Não esquecerei de quem sentiu meu medo  
E menos ainda de quem zombou dos meus cuidados  
Passem os anos  
Passe o temor e o trauma

Saberei todo os nomes  
Tenho-os anotado em um papel  
Quem ignorou os pactos mundiais  
Oferecendo ilusão e morte

Defenderei a dor dos quase dois milhões de novos órfãos  
Essa palavra facão de raízes  
Que mutila alegrias possíveis  
E na solidão finca seu sobrenome

Eu não esquecerei

Mesmo quando agradeço pela vida  
Mesmo quando a música vem emocionar  
Mesmo quando o alívio vem morar



Mesmo quando a morte cansou de soprar  
Saberei dos que choraram  
Sem poder velar seus amores  
Dos que se viram por uma tela pela última vez  
E das mãos que não mais se tocaram

É como se a felicidade fosse frágil  
Doce menino a brincar na beira do rio  
O perigo sempre ali nas águas turvas  
E lembraremos como areia no sapato  
Não esqueceremos jamais

## DIAS LIBERTOS

*Perpétua Amorim*

Deixei os sapatos no portão  
As roupas espalhadas pela garagem  
Desnuda de todas as certezas,  
Mergulhei no cinza de um tempo desconhecido.

No vidro da janela, o vento deixa digitais  
As cruces enfileiradas, afasta-me do seu abraço  
O azul que tanto procuro  
Foi surgindo do desembrulhar de ideias  
E no ato de embrulhar tudo novamente do meu jeito  
Para dar-lhes de presente a mim mesma  
Numa manhã ensolarada de domingo.

Os sapatos permanecem no portão  
Impedidos de alcançarem a rua  
As roupas banhadas de um perfume estranho,  
Não são as mesmas de antes  
O batom vermelho sob a máscara  
Esconde o silêncio de tempos adormecidos.

Deixei os sapatos no portão  
E o portão entreaberto, na espera de dias libertos.

## FRÊMITO DE SER

*Neide Pereira de Oliveira*

Um som perdido no revés de um assovio,  
O grito que não se ouve,  
Gemido surdino,  
Sumido no eco da vida.

## PARTIR COMO QUEM FICA

*Lucas Túlio Pereira*

Fomos feitos para ficar.  
A locomoção alerta para a inércia,  
ficar é sempre a opção.  
Afinal, após erguidas, estátuas são veneradas,  
coisa que seus homenageados, em vida,  
podem não ter sido.

Em silêncio elas ficam e até elas vamos  
abrindo bem os olhos para seus olhos cinzas.  
Nossos ouvidos a essa altura recebem murmúrios  
e falas de espantos dos turistas:  
os que não ficaram.

O ônibus plotado  
marcado com o slogan da empresa que te engana:  
rápido, mais rápido impossível.

Nos aviões se confundem malas e humanos,  
os últimos sempre com excesso de bagagem.  
No carro, com amigos, o combustível implora:  
Fiquem, eu nem mesmo deveria ter sido extraído.

Os hotéis, como museus noturnos,  
guardam na mobília mil dinâmicas diferentes  
de outras famílias.

E mesmo no destino: as pedras de quartzito revelam,  
fique no seu quarto, todos os que vieram partiram  
ou partirão para um tipo irreversível de turismo.

Um desafio é ditado pela cachoeira e sua queda,  
cair sempre no mesmo ponto ao longo de eras.  
As heras fracassam tentando a escalada.

A linha exata que separa árvores suplicantes do cerrado  
e as da mata atlântica, paralisadas com as mãos ao alto.  
Fiquem sempre ou partam, num dia chuvoso,  
para o raio que os parta.

Embora a linha seja enfática: não invada,  
vamos.  
Cometeram revoluções e atrocidades  
os que saíram. No entanto, cúmplices os que ficaram.  
Fomos feitos para ficar.

O mundo é o lar, o quarto,  
a mochila surrada que você chama de casa.  
Sim, há sempre louça na pia,  
roupas a serem passadas – que nunca o são –  
pois são todas trapos para se ficar em casa.  
Fique.

## SEM MÁSCARAS

*Ronaldo Dória dos Santos Júnior*

Estou vivendo numa ilustração  
Com os insetos, a chuva, o sol e o vento  
Escondo assim a verdadeira prisão  
Que vai muito além desses dias de isolamento

Finquei meus pés na terra escura  
Vejo uma mata alta, deserta e sem fim  
Orquestra de passarinhos, sinfonia de candura  
Tudo nos limites restritos do meu jardim

Minha pele é uma tela pintada, pincelada  
Rabiscada no deslizar de dedos e mãos  
E finalizada com primor

Como uma pluma, sem máscaras, desgarrada  
Eu voou, aparentemente sem direção  
E pouso nos braços do meu amor

## PÓS-PANDEMIA

*Luciano Dídimo Camurça Vieira*

“O Senhor levanta os abatidos”. (Sl 146, 8)

A vida mudará depois da pandemia, –  
E creio que haverá um mundo renovado.  
O nosso olhar será então direcionado  
Em busca de encontrar a real alegria.

Aquele que passou pela grande agonia  
Se sentirá, talvez, como um galho podado,  
Que aumenta o seu vigor e o fruto conquistado. –  
Depois de cada dor, vem sempre a melhoria.

Os cacos de esperança espalhados no chão,  
Com toda devoção, os reajuntaremos.  
Entulhos servirão para a reconstrução.

O velho (pre)conceito, o repudiaremos.  
E o mundo vai sair enfim da escuridão.  
Com nova intrepidez, nós nos levantaremos!

## MINHA CRIANÇA

*Leidejane Machado Sá*

Era ainda um neném  
Não viu o malvado chegar  
Nem viu o mundo mudar  
Fez dois e fez três aninhos  
Dentro dela, a pandemia  
Não comia e nem bebia  
Sem primeiro se enganar  
— Bota a máscara, criança,  
Já não pode tirar!

Vovó e vovô não conhecia  
Colo alheio, nem pensar!  
Quando ia pra consulta  
Queria correr de lá  
Porta de vidro, se batia  
Tropeçava sem parar  
Sapato era novidade  
Descalço era seu lugar

Ver o mundo pelas telas  
Era simples assim  
Normal era ficar em casa  
Estranho era sair  
Minha criança agora dorme  
Tão tranquila, tão serena  
Não entende que a vida  
É tão grande e tão pequena!



## POEMA SOBRE A PANDEMIA

*Marcelo Perez Maciel*

Eu não vou escrever sobre a pandemia!  
Eu não vou escrever sobre a ausência!  
Eu não vou escrever sobre o desespero!

Sobre gritos, soluços e medos.  
Sobre restos, pedaços, receios.  
Sobre o não dito, o implícito, o erro.

Sobre a ansiedade que me agonia às madrugadas  
eu não escrevo!

Sobre o dia,  
sobre a tarde,  
sobre a noite...  
como essa dor persistente parece nunca ter fim...

Eu não vou escrever este poema, assim...  
sem o teu ouvido amoroso pra transbordar alegria  
e transformá-lo na maior obra de arte do meu dia.

Não dá mais pra rimar alegria e dia!

Também me recuso a escrever sobre a vida.  
Porque vida sem você  
jamais acreditei que existiria.  
O que há,  
somente,  
é um poema sobre a pandemia.

# CONTOS

## A ILHA

*Sammis Reachers*

Depois de apenas três meses, esqueci o meu nome. Não me ocorreu escrevê-lo: estava ocupado, sobrevivendo.

Os anos não podia esquecê-los, pois há comigo um Patek, relógio que roubei sob certo sol, em certo mês de primavera, em alguma cidade do subcontinente que fora um dia chamado América do Sul – e este, sabe-se lá o porquê, é dos poucos dias de que recordo.

Estronda e tomba o tempo,  
 luz lilás,  
 obscuro óbito,  
 carretel de coisículas enrodilhadas em escaravelhos.  
 estrondestranhoastro brilha e berra no sobrehorizonte  
 Eu, Gregor Samsa, Heinrich Faust,  
 Rodion Românovitch Raskólnikov, Leopold Bloom  
 estelionatário confesso-me:  
 degredem-me.

Nesta ilha em que me acoitei, amontoei-me de lacunas: Além do comprometimento do sistema respiratório, o vírus tinha um outro efeito, não colateral, mas secundário e utilitariamente sádico: apagar memórias.

Exempli gratia: não sei mais como cheguei aqui. Lembro de cenas numa lancha, e isso finda o memorial.

Nesta pequena ilha encontrei uma imensa casa e oito cadáveres espargidos em sua estrutura. A ausência de ferimentos pode indicar que foram mortos pelo vírus. Avento hipóteses; era eu o dono do lugar? Um funcionário? Um amigo, parente do proprietário? Tudo que tenho é o estar-aqui, tudo que sei foi que aqui cheguei.

Na pequena biblioteca, livros em diversas línguas. Na única que conheço ou penso conhecer, uma coleção dita “Clássicos da Literatura”. Suas páginas sedimentaram-se como minhas únicas companhias, aqueles poucos livros em capa vermelha, seus personagens, suas personas. Suas biografias e transenlaces na vida passaram a ser os meus, eu, o desmemoriado, eu, o de pulmão fulminado por um vírus que não me lembro onde peguei e que deveria ter me matado, mas não matou (sei apenas que uma guerra grande mastigou as coisas humanas, todos contra todos).

Já nascemos com a turbada gravidade  
de sobreviventes de um naufrágio  
raça desmemoriada  
quimiocontrita no corpo de um,  
tênue tempestade nas folhas,  
vírus multicelular em busca de não sei

Sparrings sem rosto no ringue do Tempo  
tentando encaixar um soco  
encaixar um soco no Tempo sem rosto

Há algum tempo me ocorrem poemas. Era poeta? Não sei. Mas acredito que não. Tanto que quando escrevo, nem me sinto: É como uma possessão. Será então a poesia, ou a atividade poética, uma demência das faculdades cerebrais?

Lá fora houve uma guerra, uma guerra de finalmente acabar com tudo. Meus frangalhos, a ilha, o lixo feito de destroços que o mar traz, dão conta do que não lembro e no entanto sei que aconteceu.

Lá fora:  
Lá na imbricação dos mesmerizados  
lá onde o progresso deflorou as virgens esfaimadas  
que se lhe apresentaram;  
progresso, demônio que aluiu os homens  
lá fora  
em seus estratos, no que voa no espirro

O barco que me trouxe jaz sem combustível; os geradores à diesel da ilha morrem da mesma sede. As frutas que como, as pequenas aves e répteis, talvez suportem meu pequeno consumo, mas e daí? Eles virão? E quem são eles, e quem sou eu? Como temer um passado que ignoro? O esquecimento, falsa liberdade ou paz provisória, me trai: lembro ter roubado um relógio. Fui ladrão? Antes ou depois da ruína do mundo, dos mundos? Talvez tenha roubado por fome, talvez por vingança.

Alguém lá no além da ilha, ou no tudo dito além de mim (pois sem um nome, entendi finalmente o estigma que nos conforma, e contra o qual relutamos com a arma que pudemos, adaga cega que resolvemos chamar História: se sou um homem, tudo é além), deflagrou uma guerra universal, e ele talvez ainda esteja lá, e ele talvez ainda me encontre. Ou já me tenha encontrado e esquecido, nesta ilha-mausoléu, neste Alzheimer biodeflagrado por um vírus genocida.

Escrevo palavras na areia, ou poemas, essa forma primitiva de civilização das palavras, e cismo: talvez não tenha existido uma Segunda Guerra Mundial, ou uma Primeira. Sequer os morticínios, enquanto eventos isolados, de Ruanda ou do Kosovo. Talvez seja tudo uma única e ininterrupta guerra, da morte de Abel ao Armagedon. Sem dias de trégua.

Ilha feridenta,  
antologia de chagas  
calangos e fragatas desintestados e assados,  
culinária de dramas, axiologia  
do que é poético, capuz que ao homem encerra

Ilha tropical e sua mansão deserddada,  
nave-desespero em que o Homem  
nadaformou a Terra.

---

## O LEGADO DE UM HERÓI

*Alex Alexandre da Rosa*

Fui condicionado a nunca hesitar. Não posso entrar em pânico perante uma situação de risco. Isso poderia acarretar a morte de um cidadão, conseqüentemente, para mim: traumas pessoais. Uma vida, ou melhor, a perda desta traz muitas noites em claro, aluminações no escuro.

Desde a faculdade somos preparados para isso, e, até hoje, nunca foi problema para mim. Mas, agora, estou deveras assustado. Apavorado, para falar a verdade. Meu semblante em nada se compara ao turbilhão de sentimentos e terrores internos. Amo minha profissão e sabia de seus pormenores injustos – como também sei que ninguém está preparado para uma epidemia –, mas sua nobreza foi o que me chamou a atenção, foi por isso que me tornei médico; depois, diretor do hospital, graças, por ironia, às escolhas certas. Pela primeira vez, não sei o que fazer.

Desde que começou essa pandemia, nossas vidas foram levadas ao extremo. Plantão após plantão, pacientes, e muitas mortes. Essa é a rotina. Se há quem reclama do tédio de ficar em casa, eu daria tudo por quinze minutos de sossego estabelecido na turbulência das bagunças de meus filhos. Porém, ao invés disso, plantões dobrados, casos e casos de Covid-19 e o nível de estresse sendo levado ao máximo. Correrias. Crises. Cansaço. Tudo isso junto ao psicológico faz com que não raciocinemos direito.

O pior de tudo é não ter equipamentos e condições para todos, escolher quem deve viver não deveria ser tarefa de ninguém. Não poder fazer nada e ver as pessoas morrerem na sua frente é um tanto quanto devastador. Pior, sozinhas, sem ninguém para, ao menos, terem a chance de se despedirem. Ver o sofrimento no corpo e a angústia na alma através dos olhos faz com que qualquer médico, por mais frio que aparente ser, chore escondido.

Contudo, a gente acaba se acostumando, não por não se importar, mas por não dar tempo de ficar lamentando: enquanto um morre, chegam dois em situações próximas.

No entanto, hoje foi diferente. Nunca pensei que um dia chegaria a este impasse. Meu pai...

Semana passada foi diagnosticado com Covid-19, está internado desde então. Ele tem 78 anos. A situação dele vem piorando, está respirando por aparelhos.

E, no decorrer da semana, chegaram mais pacientes. Tínhamos apenas mais um aparelho e hoje fui alertado que as condições de dois pacientes estão piorando. Um homem de 58 anos e uma mulher de 61. Não devíamos passar por isso. Os outros médicos não sabem o que fazer, além de toda ética instalada em seus íntimos – confio nos meus profissionais –, sabiam que era meu pai o mais velho a usar o aparelho respiratório, seria o mesmo que sentenciá-lo à morte. Eu sou o diretor do hospital, geralmente cabe a mim essas decisões. Juramos ética, mas como fazer quando isso significa matar seu próprio pai.

Jurei ética. O homem e a mulher têm mais chances. O que fazer? Meu pai sempre foi o meu herói. Estou em pedaços. Enquanto estou a caminho dos quartos, passa um filme em minha cabeça; ele me rodopiando no ar; me contando histórias antes de dormir; me ensinando a andar de bicicleta; me levando à escola; suas lágrimas na formatura – era seu orgulho eu ter me tornado doutor –; brincando com meus filhos...

Nunca havia chorado diante de ninguém nesse hospital... Meu pai já tinha me alertado sobre essa possibilidade. Ele tinha certeza que eu faria a coisa certa.

Meu pai era um homem sábio...

---

**OS VENTOS MENSAGEIROS***Adriano Monte Alegre*

No bairro de Tanhualin, em Wuhan, República Popular da China, o mesmo vento morno que balançava as folhas das árvores de ginkgo adentrou as lojas, as vias e as ruelas do local. Nessa hora até os pombos que por ali caminhavam ciscando ao chão decolaram subitamente e foram arrulhar sobre os telhados das residências. As aves gemiam como se estivessem entregando uma mensagem soturna aos seus primeiros destinatários. E foi assim, expostos a esses eventos, que os moradores de Tanhualin dormiram sem se darem conta de que ali se delineava um drama que alcançaria o país, e depois se disseminaria por todos os continentes. Dias mais tarde, nos restaurantes e mercados do bairro, entre o consumo de Yang Zhou Chao Fan, arroz frito à maneira de Yang Zhou, e o Qing Tang Yu Wan, sopa de bolinhos de peixe, alguns clientes tossiam. Pelas ruas, outros agiam da mesma forma – levavam as mãos à boca e ao nariz; fungavam e ofegavam, até surgirem em seus lares as febres e a falta de ar. Em poucas semanas, acontecia um estranho movimento nos hospitais: inúmeros pacientes chegavam com dispnéia. E, com urgência, os profissionais da saúde tiveram de se debruçar sobre a “onda”. Já as primeiras análises laboratoriais apontavam para um vírus como agente causador. A partir daí, o mesmo vento morno que havia percorrido Wuhan seguiu sem impedimentos para o mundo. Passou a soprar por outras áreas da China, atingiu a Tailândia, depois Japão; seguiu pela Coreia do Sul, Taiwan e Estados Unidos; Hong Kong, Cingapura, França, Nepal e Vietnã; Malásia e Austrália... Depois pela Bélgica, Egito, Irã, Israel e Líbano... e chegou ao Brasil. Foi nesse momento que escutei uma corrente aquecida de ar assoviar nas frestas da janela do meu quarto. Na mesma tarde vi pombos arrulharem sobre os telhados próximos e senti um frio lúgubre. Naquele momento, com a intensificação dos noticiários, descobri que estávamos, definitivamente, diante de uma pandemia de proporções gigantescas. E o lema era um só: “Ficar em casa!”.

Eu morava de aluguel em um quarto situado no segundo andar da casa de um casal de idosos. Os proprietários do imóvel ocupavam a maior parte da casa. Bernardo e Benta, casados há mais de cinquenta anos, tinham diversos problemas de saúde: artrite, artrose, perda parcial da audição, visão deficitária, ansiedade e depressão leve. A rotina deles resumia-se quase que exclusivamente às ocupações possíveis dentro de uma pequena casa de dois andares com três quartos, sala e



cozinha. Devido às dores frequentes, quase nunca relaxavam. Nos raros dias de entusiasmo, arriscavam-se a jogar pipoca para pombos e pardais no coreto de um jardim público das proximidades. Mas, se antes do isolamento social já saíam pouco, após os acontecimentos, só em último caso afastavam-se da casa – geralmente para compra de alimentos ou medicamentos. No mais, a vida do casal restringia-se ao sofá, aos jornais, ao rádio, aos pratos na pia, ao chuveiro e às descargas. Às vezes, Bernardo isolava-se para ler, enquanto Benta ficava em um canto, brigando com a linha e o orifício da agulha de costura. Vez ou outra nos reuníamos os três e fazíamos juntos as refeições. Nesses momentos, sentíamos ser boa a nossa convivência e ficávamos felizes.

Dentro do meu quarto, cujo espaço não ultrapassava 24 metros quadrados, havia um canário amarelo-ouro e um rato branco. Os animais, recebi como presente. Na ocasião pensei em recusar as ofertas, mas preferi não constranger os doadores. Ao final, acostumei-me com os bichos que se tornaram boas companhias. Com frequência, eu trocava o alpiste do canário depois de soprar as cascas antigas de seu comedouro. E também colocava ração para o rato e acompanhava o seu movimento na roda giratória. O recinto continha uma cama geminada a criado-mudo, um armário de três portas com um vão para televisor, e uma pequena mesa onde deixava o computador. O quarto também possuía banheiro e uma larga janela que se abria para um bairro tranquilo e bem arborizado. Dali era possível ver o jardim público onde Bernardo e Benta, antes da pandemia, vez ou outra passeavam. Com a “quarentena”, bem evidentemente, as deambulações foram suspensas e parte do comércio fechado – providências, sem dúvida, necessárias. Na televisão, as notícias seguiam ininterruptas; o número de humanos infectados e o de mortos só faziam subir, conquanto o receituário fosse bem preciso: isolamento, porte de máscara, lavagem das mãos e uso do álcool em gel. Eu costumava seguir todos os cuidados; vivia no meu quarto, obediente às prescrições. Não desejava me tornar mais um número no terrível quadro que se alastrava pelo planeta. Fora isso, os dias, as semanas, os meses avançavam. E nessa mesma proporção cresciam as minhas dificuldades financeiras e emocionais. O isolamento me afetava sobremaneira.

Em uma das vezes que me debrucei à janela para fazer uma silenciosa oração, notei que folhas amarelas caídas das amendoeiras já forravam o chão das ruas do bairro. As vias estavam totalmente desertas e havia nelas uma quietude que transbordava inquietação. Passado um momento, abandonei a janela e me rendi à cama. O canário belga cantava pouco e o rato lambia as patas. O roedor já quase

não usava a sua roda recreativa, por causa do calor. Em seguida, liguei o televisor para assistir a um inusitado relato previsto para o horário. A informação era a de que oficiais da marinha haviam encontrado, em alto-mar, um barco que passava por problemas elétricos e mecânicos, com quatro membros de uma família. A embarcação ficou à deriva antes do surgimento dos primeiros casos de covid-19, enfermidade associada ao SARS-CoV-2 – o vírus responsável pela pandemia. E a parentela não havia, até aquele momento, ouvido falar no vírus letal e nem da pandemia que se tornara notícia rapidamente em todos os jornais do mundo. Na ocasião do resgate, inclusive, assustaram-se ao ver socorristas portando máscaras e luvas. Só ali, naquele instante, souberam dos milhões de seres humanos infectados e de todas as mortes. Ao assistir àquela matéria, veio-me a sensação de que, ao tirá-los do oceano e aproximá-los do continente, não estariam, a bem da verdade, afastando-os de qualquer risco maior. Ao que constava, possuíam reserva de água e de comida que garantiriam a permanência deles por ainda três meses em mar aberto.

Lá fora, o vento morno passava ao lado de um e ao lado de outro. Voltei a aproximar-me da janela. Desta vez, notei um pombo cujas plumas refletiam um lindo lilás metálico, pousado sobre a antena de internet de um vizinho. A ave mexia a cabeça para os lados, erguia o peito e arrulhava. A cena atraiu-me de tal modo que senti dificuldade de desviar o olhar. Durante a adolescência já havia lido sobre esses notáveis animais que, em outros tempos, eram carregados em malas e caixas por seus criadores para serem mais adiante usados como mensageiros. Mesmo conduzidos a grandes distâncias, esses pombos espetaculares, uma vez soltos, quase sempre retornavam ao pombal da residência de origem. O truque era amarrar um rolinho de papel nas patas ou pescoço da ave, contendo as notícias diversas. E deixar que os familiares presentes na casa sede – habitat dos pombos – pudessem destacá-lo e ler as notas encaminhadas pelos entes queridos.

Depois de impregnar-me com aquelas cores metálicas da ave e relembrar suas histórias, recuei três passos. Sentei-me na cama e comecei a refletir sobre a situação mundial. De um lado, o letal SARS-CoV-2 parasitando as células pulmonares de milhares de indivíduos e “roubando-lhes” o ar; do outro, os seres humanos que, ao longo dos séculos, vinham produzindo desmatamentos e poluentes com impacto nas fontes de oxigênio do planeta Terra, nos desequilíbrios ambientais, e na extinção de espécies. “O que estaria acontecendo com o mundo?”

O vento morno continuava a soprar sem freios, o que me fez pensar nas tensões dos médicos e enfermeiros dentro dos hospitais, nos leitos ocupados

das Unidades de Tratamento Intensivo e na busca por respiradores mecânicos. Pensei nos pacientes arfando sob as máscaras; nas rodas das macas rangendo pelos corredores das emergências; nos gritos de desespero dos familiares; nas luvas de procedimento sendo vestidas e o som de seus estalos próximo aos pulsos dos profissionais. Pensei nos ponteiros dos relógios das salas brancas de cirurgia.

Voltei à janela e vi que havia anoitecido. Já milhares de estrelas rutilavam. Entretanto, em Wuhan, no outro lado da Terra, despontava o dia. Então comecei a imaginar como seria se lá já estivesse soprando um vento fresco e limpo. Logo projetei a sensação de uma luz calma acendendo o bairro de Tanhualin. E concebi o instante em que seus cidadãos estariam retirando as máscaras da face para fazer repontar o branco dos sorrisos. Ali renasceriam os abraços mágicos, com gestos que encerrariam o calor do outro. E haveria entre eles um silêncio cheio de conteúdo. A alegria ganharia os espaços. E dos olhos embevecidos daqueles indivíduos, emergiriam faíscas de luz. Depois disso, o mesmo vento fresco viajaria por muitos lugares, até atravessar a minha janela. No quarto, alisaria os meus cabelos e a sua música me convidaria a um passeio de liberdade. A partir daí o mundo seria outro, porque eu também já não seria mais a mesma pessoa.

Naquela mesma noite, ainda recebi no meu aposento a visita de Bernardo e Benta. Vieram me informar que eu estaria livre de qualquer obrigação do pagamento de aluguel enquanto perdurasse a pandemia. O alívio fora imediato. A máscara que eu usava no momento em que os recebi não foi capaz de esconder a minha emoção. Manifestei a gratidão por alguns instantes antes de nos despedirmos. As palavras diretas e cheias de calor do casal afastaram-me do meu tormento. Ali, ganhei energia e vida. E assim, por um instante, percebi que do mesmo modo como uma vacina pode nos proteger de um vírus patógeno, um gesto de compaixão é capaz de libertar o outro de sua agonia e escuridão. Quem sabe o vento morno que partiu de Wuhan e se disseminou pelo mundo, atribulando humanos, fosse uma espécie de “pombo-correio” do século XXI, portador de uma mensagem capaz de nos fazer mais solidários com o próximo e mais gratos pela vida.

Por fim, fechei a janela do quarto e deixei o vento assoviar em suas frestas. Depois deitei. Desliguei o abajur. E fui dormir, mas não sem antes agradecer aos “céus” a chance de ainda acompanhar os movimentos do rato branco em seu objeto giratório, e de poder soprar com a força dos pulmões as cascas de alpiste do canário amarelo.

## PAN

*Patricia da Silva Boni*

Declina o Sol no horizonte anunciando o anoitecer e o corpo da jovem Sidarta deitada em sua cama descende um mal-estar, pressão na cabeça, garganta arranhada e febre alta, alternando estados de realidade e delírio.

Algumas letras saltam-lhes aos olhos: Pandemia, Pandora, Peter Pan e um filme começa a rodar em sua mente.

“Uma família viral Pandêmica em rápida e progressiva disseminação encontra um objeto da mitologia grega, a caixa de Pandora, que ao ser aberta espalhava males pelo mundo e doenças do corpo e da alma.

Na cena seguinte aparece Peter Pan, personagem isento de qualquer responsabilidade que se recusava a crescer. Enquanto brincava e sonhava na Terra do Nunca, deparou-se com uma figura monstruosa com asas de morcego, cabeça e chifres de bode dizendo que enviou à Terra um hospedeiro que infectaria a humanidade causando milhares de mortes para evitar uma superpopulação, causando assim, desequilíbrios familiares, sociais e econômicos.”

Sobressaltada, Sidarta acorda com o suor escorrendo pelo rosto, coração acelerado e olhos fixos sobre o teto na tentativa de decifrar seu pesadelo. Lembrou que Pan traz consigo a idéia do Todo; das versões fantasiosas e desesperançosas de Peter Pan e, num esforço em vão, tentava lembrar qual era o dom misterioso que permaneceu na caixa de Pandora.

Retoma seu sono, e, novamente, o Astro Rei desponta na linha do horizonte aquecendo o corpo trêmulo de Sidarta com o agravamento dos sintomas físicos e o medo de ser portadora do vírus.

Reativamente, apanha seu aparelho celular e solicita atendimento médico. Em tempos de larga escala de disseminação viral, a consulta é virtual.

Aguarda ansiosamente a sua vez até ser chamada por um plantonista com voz cansada que ao ouvir os sintomas brevemente relatados por Sidarta diz que vai enviar para seu endereço um kit prevenção como medida protocolar.

Atônita, Sidarta pergunta se os sintomas não poderiam se tratar de outra enfermidade e a resposta exaustiva ecoa do outro lado da linha dizendo que em tempos de pandemia tudo se torna precoce, nem sempre com o tempo necessário para a comprovação da eficácia dos remédios.

Sidarta desliga o telefone e acredita viver um filme, desta vez acordada. Flerta com o discernimento perguntando se há diferença entre atendimento e tratamento precoce? Qual seria sua enfermidade? O que gerava tamanho mal-estar? O que fazer para distrair sua mente sem sossego? Tomar ou não a medicação, eis a questão!

Horas mais tarde, toca a campainha, Sidarta coloca sua máscara de proteção facial e em passos trôpegos apanha o kit enviado.

Declina novamente o Astro Rei, Sidarta adormece, o estado febril permanece e segue a viagem entre delírios e realidade. Desta vez, sonhou que a Terra teria sido invadida por vírus digitais que ditavam comportamentos humanos e ofertavam o kit fake news adquiridos por olhos míopes de uma sociedade esgotada. Assustada, desperta deste tenebroso mar noturno.

Após repetidas passagens do Astro Rei abaixo e acima da linha do horizonte, convivendo com o medo e o isolamento, um fecho de letras luminosas infiltra a mente de Sidarta: “Na arte da guerra evite o inimigo quando ele está forte”. Prontamente assume o posto de uma guerreira e luta contra a transmissão desse microrganismo com a liberdade estratégica de usar sua máscara de proteção e, na condição de isolamento, é convidada a escrever um conto.

Palavras surgem diante de seus olhos, vacina e o dom de Pandora. Bem-humorada, relembra que vacina deriva da vaca, graças ao médico inventor que percebeu que pessoas que ordenhavam vacas não contraíam a doença, o suficiente para extrair o material de uma ordenhadora contaminada e inocular em um menino que manifestou a doença de forma leve. A indagação seguinte foi lembrar o dom que ficou preso na caixa de Pandora.

Ao cair da tarde, Sidarta prepara um café quase como um rito, o odor prazeroso e cada gole lentamente degustado abraça seus sentidos. Agradecida por sair de mais um labirinto guiada pela sua verdade interior e a decisão correta sobre tomar ou não a medicação, no seu íntimo sabe que a precocidade pode acarretar efeitos indesejáveis.

Lentamente fecha seus olhos e um novo filme passa em sua mente. Um vírus microscópico fez o mundo se recolher, linhas de sofrimento e solidariedade tecem a história. Neste exato momento ecoa em sua memória o misterioso dom misturado com feridas na caixa de Pandora, o dom da Esperança.

A mesma Esperança que encontrou em estados de ansiedade noturna ao garimpar forças a cada respiração com o sopro da vida, a cada amanhecer ao

preencher seus ouvidos com a beleza da poesia e, finalmente à espera da vacina como tantas outras que erradicaram enfermidades do planeta.

Declina o Sol anunciando o anoitecer e Sidarta é presenteada com o sono dos justos, aguardando a chegada dos primeiros raios solares que tocam seu corpo e a doce recordação de seu sonho, o encontro na Terra do quase sempre, onde seus habitantes com olhares cristalinos trocavam abraços.

## O MELHOR AMIGO

*Sandra Rodrigues*

O ano foi 2020, uma grande pandemia sacudiu todo planeta. O mundo nunca mais foi o mesmo. Nem eu! Morava no fim da rua, em uma casa de muros altos, em uma cidadezinha pacata, sem qualquer atrativo ou importância para o resto do mundo. Entretanto o vírus não poupou nenhum canto da terra, e por mais insignificante ou escondido que fosse o lugar, ele deixou seu rastro de medo e de morte. Mas, note, o foco de minha narrativa não é o medo ou a morte, mas sim a amizade e a transformação...

A campanha tocou insistentemente. Praguejando, o velho senhor atendeu. O inconveniente visitante esqueceu de retirar o dedo do seu interfone.

— Já vou, já vou, mas que diabos! Que falta de educação! — resmungou o velho.

Uma voz juvenil começou a falar do outro lado:

— Boa tarde, senhor eu...

— Não quero comprar nada! Pode ir dando o fora da minha calçada! — respondeu rispidamente o velho.

— Oh, não! Eu só ...

— Já disse que não quero nada! Agora dê o fora daqui! — E bateu o interfone.

O homem ficou parado, esperando. Nada. Desta vez foi mais fácil do que imaginava. Geralmente aqueles vendedores sanguessugas conseguiam ser bem mais insistentes.

O barulho estridente do interfone, interrompeu a precoce felicidade do velho senhor. “Só pode ser brincadeira!”, pensou carrancudo. Antes que ele pudesse abrir a boca, a voz do outro lado, demonstrando uma certa impaciência, logo se adiantou:

— Espere, senhor, não quero vender nada! Deixei um bilhete embaixo do seu portão, por favor leia!

— Ora, quem você pensa... — Um estampido no interfone do outro lado e ele emudeceu.

Passados alguns minutos, a curiosidade do homem foi maior que o aborrecimento de ser incomodado. A voz infantil e persuasiva o convenceu. Com dificuldade ele caminhou rumo ao portão. O bilhete mal escrito era uma oferta de prestação de serviço. Nele o estranho se dispunha a fazer serviços

de rua, como compras ou qualquer outra coisa que necessitasse. O bilhete o pegou totalmente de surpresa. Ter alguém para fazer suas compras era algo bem conveniente para os dias difíceis que se apresentavam em meio àquela pandemia. Será que se arriscava em confiar em um desconhecido? “Posso tentar uma compra pequena, se ele não voltar com meu dinheiro, perco pouco”, pensou.

No dia seguinte, no mesmo horário, o interfone tocou novamente.

— Vou passar o envelope com os itens que deve comprar e o dinheiro por debaixo do portão — falou rispidamente o velho pelo interfone.

Alguns minutos depois o interfone tocou novamente.

— Suas compras, senhor, vou deixá-las aqui no portão.

Quando o homem foi pegar as compras, não havia mais ninguém, apenas o pacote de compras

O tempo passava, as coisas pioravam, o mundo estarecido assistia o triste cenário de medo e de incertezas que o vírus mortal deixava nas pessoas que se contaminavam ou viam suas vidas transformadas por ele. Enquanto isso, todas as semanas, o velho senhor continuava a colocar a lista de compras debaixo do portão, e como sempre, depois de algum tempo a mesma voz juvenil anunciava:

— Suas compras, senhor!

Assim os dias foram passando... Notícias de mais contaminações... As pessoas sentiam falta dos abraços, dos encontros e de como a vida era antes da pandemia. Mas aos poucos elas também foram se adaptando ao que chamavam de novo normal. Um dia, o velho resolveu que já era hora de conhecer seu benfeitor. Quando a campainha tocou, ele estava preparado:

— Suas compras, senhor. Vou deixá-las...

— Espere! Você pode esperar só um pouco?

“Mas por que ele não responde?” pensou impaciente o homem.

— Claro que posso! — respondeu a voz juvenil, depois de algum tempo.

O velho foi até o portão. Quando abriu, o que viu deixou-o desconcertado. Um garotinho franzino o encarava com grandes olhos negros.

— Mas você já tem idade para fazer compras sozinho? — O velho estava realmente surpreso.

— Sou mais velho do que pareço, senhor. Já tenho quase doze!

— Nossa, é mesmo? Pois realmente não parece! Mas isso não importa, você sempre fez as compras de forma correta.

O menino com sua máscara de super herói, apertou os olhinhos tentando ver melhor o interior da casa.



— Você não sabe que não é educado espiar a casa dos outros? — E fez cara de poucos amigos.

— Me desculpe senhor! Eu não tive a intenção! Suas compras estão aqui, tchau — O garoto saiu correndo.

As semanas passavam lentamente, o mundo continuava a ser sacudido pelas mudanças impostas pela pandemia. Durante quatro meses, a rotina continuou, entretanto, aos poucos, o velho foi abrindo um pouco mais a guarda, ele também estava sentindo os efeitos nocivos da extrema solidão. O dia das compras passou a ser uma data especial para ele e, antes que o garoto chegasse para buscar a lista, o velho senhor já o aguardava no portão ansiosamente. Ele era o único ser em carne e osso que aparecia no fim daquela ruazinha.

No fim do décimo mês de quarentena, a pandemia começou a ser controlada, o isolamento começou a ser flexibilizado, as pessoas agora podiam sair, tomar sol, caminhar pela cidade. Entretanto, o ritual das compras do velho senhor ainda continuava. O menino aparecia sempre no mesmo dia e no mesmo horário para pegar a lista e o dinheiro. Parado no portão, o menino parecia mais agitado que o normal.

— Bom dia senhor! O dia está mesmo muito bonito!

— Por que está tão animado garoto?

— Estou feliz, pois acho que logo as aulas presenciais vão retornar.

— Nossa, isso é bom! — exclamou o velho.

— Sim, depois de tanto tempo — O menino fez cara de preocupação —, mas tenho medo de não me sair muito bem, tentei estudar durante esse tempo, lá em casa não tem computador e muito menos internet. Acho que perdi muita coisa...

— Entendo!

O velho senhor ficou ali parado, pensando, talvez pudesse ajudar de alguma maneira.

Então, em mais um dia de compras, o menino foi surpreendido com um convite inusitado do velho senhor:

— Então, se quiser pode usar meu computador, para estudar! — falou carrancudo.

— Sério? O senhor me deixaria entrar em sua casa? — O menino parecia incrédulo.

— Bem, acho que terá que entrar, pois não posso colocar o computador aqui fora!

— Mas isso será incrível! Poderei até usar a internet?

— Não foi você mesmo quem disse que precisava de internet para estudar?  
— resmungou o velho já começando a se arrepende de aquilo tudo.

Naquele dia, o menino entrou pela primeira vez na casa do velho senhor. Com os olhos curiosos, o menino vasculhou cada canto da moradia do homem.

— Nossa, como é bonita sua casa! — exclamou.

O velho deixou que o menino explorasse mais um pouco o ambiente e depois de algum tempo falou de suas ideias:

— Tenho também livros. Se quiser pode levar alguns para ler.

Assim, todos os dias, o menino e o velho se encontravam na grande sala confortável, que agora vivia apinhada de livros. Durante horas eles liam, pesquisavam e discutiam. Aos poucos ele foi se rendendo aos encantos da inocência infantil. O menino era divertido, curioso e muito inteligente. Uma genuína felicidade começou a invadir seus dias e aos poucos sua vida foi sendo transformada, agora até sua feição carrancuda e amarrada começava a desaparecer. O menino, por sua vez, demonstrava grande apreço pelo velho. Com o passar do tempo, eles se tornaram grandes amigos.

Depois de alguns meses de convivência, o velho senhor, curioso, perguntou ao menino:

— Por que você resolveu fazer as minhas compras, na pior fase da pandemia?

— Foi apenas uma aposta, e eu ganhei.

— Como assim? Uma aposta?

— É que todos do bairro tinham medo do senhor! Desde que começou a pandemia, queríamos ajudar de alguma forma as pessoas mais velhas do nosso bairro, então resolvemos ajudar fazendo suas compras. Mas nenhum dos meus amigos queria fazê-las para o senhor.

— Por quê? — quis saber o homem desconcertado.

— Todos achavam que o senhor era malvado! Malvado como um bruxo de verdade! Daqueles que transformam pessoas em animais nojentos como ratos, baratas, morcegos... Eles falavam que se alguém entrasse em sua casa, nunca mais sairia, não como um ser humano, bobagens desse tipo!

— Mas por que pensavam isso de mim?

— Ora, antes da pandemia o senhor só era visto andando sozinho, sempre mal-humorado, com a cara sempre emburrada, vivia xingando, além de espantar todos que se aproximavam de sua casa. Nunca queria ver ninguém, não tinha nenhum amigo...

O homem ficou pensativo, ele tinha que concordar com o menino, ele havia se isolado desde que... O menino continuou:

— Ninguém queria fazer suas compras, então eu vim. E eles apostaram que o senhor nunca ia me deixar fazê-las, mas isso não aconteceu. O senhor até instalou internet para me ajudar a estudar! — O menino sorriu e continuou. — Enfim, eu ganhei! Sempre soube que eles estavam errados.

— É mesmo? E como você tinha tanta certeza de que eu era um homem do bem e não um bruxo malvado? — quis saber o velho senhor, curioso.

— Bom, acho que sou bom com pessoas. O senhor não se lembra, mas um dia nos encontramos rapidamente na padaria. O senhor deixou cair uma moeda, eu abaixei e a apanhei. Quando fui entregá-la, o senhor disse que eu poderia ficar com ela.

O velho senhor não se lembrava de nada daquilo, mas achou que dar uma moeda a alguém era algo pouco convincente para saber se uma pessoa é boa ou não. Então continuou a questionar o menino:

— Mas só porque deixei você ficar com uma moeda julgou-me um bom homem? Isso foi o suficiente para você?

O que o menino disse a seguir pegou o homem totalmente desprevenido.

— Claro que não! Quando o senhor tentou se abaixar eu já estava com a moeda nas mãos e então por alguns segundos nossos olhares se encontraram e eu vi o senhor. Nem melhor, nem pior que ninguém, apenas um homem que se sentia sozinho e amargurado. Por trás de sua cara fechada, eu sempre soube que existia um bom homem.

Naquela noite o homem não conseguiu conciliar o sono. Ainda pensava nas palavras daquele garoto. Elas ressoavam em sua cabeça e o transportavam para o passado. Como permitiu que a amargura e a tristeza o transformassem em um homem capaz de provocar medo em outras pessoas?

Então quando o dia começou a clarear ele já sabia exatamente o que fazer para tentar reverter a péssima impressão que havia causado nas pessoas daquele bairro.

Quando o menino chegou em sua casa, naquela tarde, não estudaram. Ele preparou um chocolate quente e abriu um pacote de biscoitos recheados. Enquanto os dois se deliciaram com o lanche, ele mostrou uma foto para o menino e disse orgulhoso:

— Minha família! — Já fazia muitos anos que ele não olhava para aquela foto.

Na foto, o velho, bem mais novo, sorria com uma pequena garotinha no colo e do lado dele uma mulher e um garoto, mais ou menos da mesma idade do menino, apareciam abraçados.

— É uma família bonita, senhor. Onde eles estão? — perguntou o menino curioso.

Então o homem abriu seu coração e falou sobre suas perdas. Ele contou que toda a sua família havia morrido em um acidente de carro. Ele dirigia o carro na ocasião e nunca entendeu porque foi o único a sobreviver, justamente ele que causara tudo aquilo. A dor, a angústia e principalmente a falta de aceitação da morte de sua família criaram uma grande barreira na sua convivência com o resto do mundo. Enfim, admitiu que havia se tornado realmente um homem rabugento e resmungão, mas que aquela tinha sido a melhor forma de afastar todos os amigos de sua vida. Não se permitia ser feliz novamente. Não até conhecer o seu mais novo e fiel amigo.

O menino, que era um bom ouvinte, escutou cada palavra com atenção. Depois que o velho acabou de narrar suas desventuras, o menino o encarou por algum tempo com bondade e compreensão e disse:

— Foi bom o senhor me contar! Eu achava que com essa sua cara carrancuda nunca havia arrumado uma namorada! O senhor teve uma bela família. Eles com certeza foram pessoas muito especiais. Minha mãe sempre diz que Deus tem planos diferentes para cada um de nós. O senhor realmente não poderia mesmo ter morrido naquele acidente, ou se não nunca teríamos nos conhecido e eu não poderia ter feito as suas compras e nem poderia estar aqui agora usando seu computador e sua internet! Além, é claro, de ter o privilégio de ter me tornado seu amigo.

O velho senhor simplesmente balançou a cabeça, concordando com o menino e sua simples lógica infantil. Depois desse dia, as coisas continuaram a mudar na vida dos dois amigos...

A pandemia que arrasou o mundo e levou muitas almas, enfim acabou. Foram quase dois anos de grande sofrimento, para muitos povos, especialmente para os países mais pobres e vulneráveis. Até que, finalmente, uma vacina conseguiu controlar o vírus.

Foi um despertar coletivo, de repente as pessoas começaram a compreender a fragilidade da vida. O tempo, o trabalho, as relações pessoais e familiares foram repensadas e passadas a limpo. E eu, como milhões de pessoas, também aprendi

e continuo aprendendo. Aprendi, por exemplo, que a vida acontece agora e que mesmo isolado, nunca estive sozinho.

Continuo morando no final da rua de uma cidadezinha pacata, sem nenhuma grande importância para o resto do mundo. Porém, hoje, prefiro afirmar que minha casa é feita de pontes e não mais de altos muros. Deixei o velho senhor, amargurado e infeliz no passado.

Descobri que naquela época nem era tão velho assim, e, hoje, depois de dez longos anos, aos meus setenta, continuo atuando ativamente em minha comunidade como professor. Abri minha casa e a transformei em uma biblioteca comunitária. Hoje ofereço aulas gratuitas de reforço escolar e aulas de informática.

Quanto ao menino franzino, atualmente um homem, continua frequentando minha casa. Em seu tempo livre é ele quem arruma a biblioteca e dá as aulas de informática.

Eu dedico a ele todo o meu amor e carinho, oferecendo um pouco de tudo aquilo que não pude dar aos meus filhos e ele, como sempre, retribui meu amor com sua amizade, sabedoria, companhia e seu grande amor pela vida.

Hoje percebo o quanto a vida foi generosa comigo, e só tenho gratidão em meu coração, pois durante a grande pandemia, em um tempo em que os abraços eram proibidos, fui agraciado com o afeto sincero de um menino franzino, que, mesmo diante de tantas adversidades, conseguiu transformar um velho triste e rabugento em um homem mais forte, mais sábio, mais solidário e muito mais feliz.

---

## CÉUS NUBLADOS

*Victor Carreão*

Eu me lembro da chuva. Do zunido que o vento gelado trazia. Um sopro que passava entre os prédios e casebres, estremecendo as lonas que cobriam as janelas quebradas e atravessando as roupas sujas dos nossos corpos. Os céus estavam sempre tão nublados que tudo parecia uma massa só. Era como se uma cortina de ferrugem rodeasse em círculos sobre a gente. Sobre as casas, sobre os edifícios, sobre as esquinas e avenidas.

Eu gostava muito de ir ao telhado com o meu irmão mais velho, Jorge, para tentar adivinhar o formato das nuvens. Mas essas idas ao telhado diminuíram nas últimas semanas. Uma doença esquisita, coisa que ataca o pulmão, começou a se espalhar pelos quatro cantos da cidade. Foram suas margens, a periferia, que primeiro sentiu esse efeito. Efeito dominó que começou dentro dos trens e se alastrou pelos pontos de ônibus, becos e vielas. Os hospitais se abarrotaram de gente e logo todo o sistema de saúde colapsou. Essa cascata de infecções, como uma fileira de dominós que vem caindo, logo bateu na nossa porta e nocauteou meu pai.

Eu queria que as notícias complicadas parassem aqui, mas os dias pareceram se tornar longos o suficiente para que mais e mais fatos acontecessem dentro de suas vinte e quatro horas. Foi em um entardecer com minha mãe, que agora está sumida há cinco dias, quando ouvimos no rádio que o sistema funerário também havia desmoronado. Com isso, o preço para os sepultamentos havia triplicado da noite para o dia. A pandemia sugou os cofres públicos de maneira que qualquer tipo de auxílio deixasse de ser oferecido. E eis a contradição: como uma família sem condições, que vive em uma ocupação no centro da maior metrópole do continente, teria condições de arcar com esse enterro? Não me surpreende minha mãe ter fugido.

O problema à vista, contudo, era um pouco mais preocupante e urgente. Afinal, o corpo do velho ainda estava lá, estendido sobre alguns caixotes no quarto dos fundos do nosso casarão. Não é preciso ser estudado para entender que negar o descanso eterno de alguém se enquadra como crime. E, de fato, essa era a sua classificação. Por alguns meses, vendi alguns doces na saída de uma das faculdades de direito da avenida principal do bairro. É incrível o quanto que a gente consegue aprender se deixar os ouvidos bem abertos. Dois

estudantes conversavam despreocupados na calçada – provavelmente matando aula – enquanto fumavam um cigarro. Falavam de um caso que havia se tornado famoso na televisão: uma senhora de meia idade que manteve o corpo do finado marido dentro do sótão, seja lá por qual motivo. Aparentemente, de acordo com o código penal, isso implica em violar o sentimento de boa lembrança e respeito da figura daquele que se foi. “Implica”; “violar”; “crime”.

O meu destino, e o do meu irmão Jorge, era claro como o sol que se escondia por de trás das nuvens: cadeia. Os policiais não iam ter compaixão por toda a situação triste e complicada que caiu sobre nós. Mas, é claro, os irmãos mais velhos sempre têm um plano. Foi em uma tarde, em um boteco qualquer de esquina, que Jorge conheceu um camarada que podia dar um sumiço em tudo, ou todos. “Isso aí é ocultação de cadáver”, eu me lembro de ele comentar comigo ao olhar para nosso pai envolto em lonas pretas no escuro daquele quarto mofado. Na verdade, seu plano estava um pouco mais ligado à “eliminação de cadáver”:

— A gente só tem que levar o corpo do velho até aquele edifício grande no começo da avenida que dá na Zona Sul. Aquele sem janelas, que era para estar pronto, mas que foi abandonado. Vão dar um jeito nisso lá — ele me disse.

A loucura do Jorge sempre foi um problema para a gente. O que mais me surpreendia era ele não ter ligado para todo esse processo de luto. Eu não o vi derramar uma lágrima sequer. Não é como se eu tivesse morrido de amores pelo velho também. Mas, não sei. O ponto é que ninguém sai carregando um corpo no meio da rua como se leva uma escada nas costas. “Eu conheço um cara que pode emprestar um carro para a gente. Acho que ele tem um Del Rey, sabe?”. Um Del Rey. Que maravilha de cortejo.

— Esse seu amigo vai ajudar a gente? — perguntei.

— Ele não é meu amigo. É só um cara que eu conheci enquanto tomava uma cerveja. Relaxa! Hoje à noite eu vou encontrar esse meu parceiro e pegar o carro com ele. A gente tem que resolver isso logo, sabe... tem que tocar a vida. Hoje à noite, às nove.

O Jorge não estava errado. Longe disso. A gente tinha que tocar a vida logo, o pouco de vida que a gente tinha. Eu não via essa doença indo embora tão cedo e ter um cadáver no cômodo ao lado me dava arrepios. Enquanto as horas do dia se arrastavam eu ficava pensando no que poderia dar errado. Toda hora que ouvia uma sirene rasgando o trânsito da avenida, no quarteirão de cima do nosso sobrado, eu pensava que a nossa sorte tinha acabado e que já tinham descoberto o nosso plano.

Lá pelo fim da tarde, quando as nuvens ficavam bem clarinhas antes de submergirem na escuridão, uma garoa fina começou. Já devia fazer umas três horas desde que o Jorge foi garantir nosso traslado até o prédio abandonado da Zona Sul. Eu estava fechando o zíper do meu moletom velho quando ouvi o carro manobrando em frente à porta da sala. O Jorge saltou do banco do motorista como quem tem pressa.

— Chegou a hora. Vamos colocar o velho no porta-malas e sair — ele disse, passando a passos largos por mim e em direção ao cômodo em que nosso pai estava.

O velho nunca tinha sido muito forte ou grande. Mas confesso que, mesmo em dois, não foi fácil acomodá-lo na traseira do carro. Quase deixamos o corpo cair quando ouvimos uma movimentação no casebre ao lado. A mulher estava chorando mais uma vez. Aquele bêbado que era casado com ela devia estar lá. Colocamos o corpo estendido na diagonal, meio que encostado na traseira do banco de trás, e jogamos alguns sacos de lixo por cima dele. As janelas de um Del-Rey são grandes, mas aquelas janelas estavam tão sujas que mal poderiam ver qualquer coisa lá dentro. Quando olhei a lateral do carro tive a sensação de que o veículo se inclinava, talvez com o peso do corpo. Era como se o velho tivesse aumentado de tamanho na morte. Ou será que eram meus pensamentos inflando a situação? Que droga!

O barulho do porta-malas fechando foi o sinal que deveríamos ir. O carro demorou a pegar e só após muita insistência foi que o Jorge conseguiu fazer aquela geringonça funcionar. Nos primeiros metros da rua, parecia que o carro iria apagar a qualquer momento. O único barulho perceptível, além daquele motor tentando arrancar, eram os batimentos do meu coração quase estourando no meu peito. Dobramos a esquina e Jorge ligou os faróis:

— Bom, acho que chegamos lá em uns dez minutos. Quinze no máximo. Essa garoa chata não deve atrasar tanto a gente se pegarmos o caminho por debaixo dos viadutos. E nem deve ter tanto trânsito agora também. Logo o toque de recolher entra em vigor e, bom, tá aí um ótimo incentivo para a gente fazer logo o que tem que fazer — meu irmão disse enquanto dirigia e lançava olhares para as calçadas e esquinas como se procurasse por algo ou alguém.

— Você está falando demais. Esse seu amigo vai estar por lá mesmo? — questionei; Jorge sempre falou muito, mas nem sempre com conhecimento de causa, e aquilo ia me deixando ansioso.

Ele se limitou a grunhir um “sim” e parou no semáforo de um cruzamento. Eu olhei para o lado e vi as crianças que se protegiam da chuva embaixo do



viaduto. Devia ter umas cinco delas, era difícil distinguir naquela montoeira. Uma lata vazia estava no chão – e eu não precisava estar lá perto para saber que eles deviam ter cheirado cola até cair no sono para escapar da fome. Quando dei por mim, já estávamos dobrando a esquina e entrando em uma rua com um poste de luz piscando prestes a queimar. Foi quando tudo aconteceu muito rápido. Um flash nos cegou e, assim que Jorge freou o carro, escutamos as batidas no para-brisa: havíamos sido parados em uma barreira policial.

— Abaixa o vidro aí — disse a voz rouca do policial à esquerda do nosso rabecão improvisado, apontando com a mão esquerda para o Jorge e segurando a pistola contra seu colete, pronto para puxar aquele gatilho se fosse preciso.

A viatura estava atravessada na rua, com apenas um espaço bem apertado à sua esquerda livre. Além do soldado ao nosso lado, outros dois acompanhavam a abordagem logo à nossa frente. Um deles, que não devia ter mais que vinte e cinco anos, tinha o uniforme mais escuro com alguns adornos na altura do peito. Devia ser o tenente que supervisionava aquela operação. Todos usavam máscaras pretas. Desde o início da pandemia, as máscaras eram obrigatórias para quem saía às ruas. É claro que seríamos parados.

— O prédio é logo ali na frente — sussurrou Jorge antes de baixar o vidro e cumprimentar o policial.

— Documento do carro e identidade. Anda logo — o policial disse estático.

Jorge tirou a carteira do bolso da calça jeans e puxou dois papéis velhos de lá de dentro. É claro que ele não tinha habilitação para dirigir, mas nas ruas a gente dá um jeito para tudo. O documento do carro com certeza também era falsificado. Mas, obviamente, esse não era o menor dos nossos problemas agora.

— Aonde vocês vão? — perguntou o tenente, se aproximando do carro com uma lanterna.

— Vou devolver o carro do meu amigo — Jorge se apressou em falar. — Ele me emprestou para eu fazer um trabalho.

— E vocês estão sem máscaras por quê? — ele perguntou.

Eu ia abrir a boca para dizer que já havíamos tido a doença. Que a gente viu todo mundo perto da gente morrer. Que a gente passou por bicos e mais bicos para ter dinheiro. Mas, foi aí que escutamos o tiro. Metros à frente, na frente do prédio abandonado em que íamos encontrar o contato do Jorge, dois policiais em suas motocicletas abriam fogo contra outro motoqueiro que saía da garagem. Essa moto desceu a rua em nossa direção, desviando da viatura pelo espaço à esquerda, mas o motociclista não conseguiu ir muito adiante. As balas

dos policiais o acertaram em cheio e a moto derrapou, acertando o poste na calçada. O impacto foi tão grande que o poste estremeceu e quebrou na altura da base. Os acontecimentos a seguir se desenrolaram em câmera lenta: o poste se inclinou em nossa direção e despencou em cima do nosso carro. A fiação que ele sustentava se rompeu e os fios chicotearam contra a lateral do Del Rey. A pancada foi tão forte que o tanque de combustível se rompeu e, em contato com os fios recém-partidos, incendiou-se.

Os policiais gritavam palavras de ordem e se afastaram do carro. Jorge bateu a porta em busca da alavanca para destrancá-la e eu fiz o mesmo. Em questão de segundos nos lançamos para fora do carro. O fogo o consumiu tão depressa que não tivemos sequer tempo de pensar. A fina garoa não era párea para as labaredas que consumiam aquela pira funerária. Ao fundo, eu podia escutar os policiais entrando na viatura e dando a partida. E, logo depois, veio o silêncio – intercalado com os estalos que vinham de dentro do fogo. O Jorge chorou. O reflexo das chamas brilhava nas lágrimas que corriam seu rosto. Mas eu não chorei. Eu tinha certeza de que, depois desse dia, nunca mais choraria.

---

## DESINTOXICAÇÃO

*Kíssila Muzy*

A mãe constantemente ameaçava ir embora por causa da falta de colaboração do marido e dos filhos adolescentes nas tarefas domésticas. De nada adiantava, claro! O máximo que conseguia era uma parceria com má vontade por dois ou três dias, mas sob sua demanda e coordenação – o que também era desgastante – e depois tudo voltava à normalidade exaustiva. Foram anos nesse ritmo e ela já estava em via de se conformar com a possibilidade de nunca se livrar da exploração, quando surgiu uma pandemia que obrigou milhões de pessoas a adotarem o isolamento social como rotina.

Isolamento, diga-se de passagem, que não incluía o próprio núcleo familiar. Conscientes do que deviam e podiam fazer para se proteger do novo coronavírus, pais e filhos se encerraram em casa juntos. Num primeiro momento, até gostaram da novidade. Parecia que estavam de férias, com a diferença que somente a mãe saía de casa, e foram poucas vezes para as ações que não podiam ser realizadas pela internet. Os outros se limitavam a olhar o mundo pelas telas da TV e dos celulares.

Com o passar dos dias, as características de cada integrante da família viraram defeitos incontornáveis, como se uma lupa gigante estivesse permanentemente posta entre o escrutínio da mãe e absolutamente cada ação ou omissão dos demais. Os melhores exemplos eram o ronco do marido que, normalmente, a incomodava um pouco, mas agora entrava em seus sonhos em forma de britadeira gigante que a perseguia pelas ruas; o pé de meia largado sob a cama; o assento da privada diariamente respingado de urina; um sem-número de transgressões a uma ordem que nunca havia sido imposta.

A sobrecarga de trabalho em casa e as novas emoções difíceis de entender e lidar, principalmente o medo da doença e da morte, geraram ansiedade incomum naquela mãe. Não demorou para que ela concluísse que sua saúde mental corria tanto risco quanto um eventual estrago causado pelo vírus. As ameaças de sumiço de outrora começaram a fazer um novo sentido e um plano crescia em sua mente.

Num desses dias de repetição de desagradados, a mãe desceu as escadas equilibrando uma pesada mala com alguma dificuldade, atravessou a sala bem devagar em direção à porta e, como ninguém parecia reparar em seus

movimentos, pigarreou alto. Os três rapazes não escutaram ou julgaram não ser o caso de interromper seus importantes afazeres que envolviam o revezamento dos controles do videogame para a disputa de uma partida de futebol.

— Precisamos conversar — disse a mulher em tom calmo, porém firme, sem provocar qualquer reação no adulto e nos adolescentes.

— Vocês estão surdos? Eu disse que precisamos conversar e é sério — na parte do “sério” ela praticamente gritou. O menino mais novo olhou para trás e notou algo estranho.

— Mãe, por que você tá arrumada pra sair?

— Ela vai ao mercado — antecipou o marido. — Minha cerveja acabou, querida, pode trazer um engradado?

A ira poderia tê-la consumido e a racionalidade seria a primeira baixa, mas, ao tomar a decisão que mudaria o curso da sua história, reprimiu ódios e sossegou revoltas.

— Não vou ao mercado, vou embora.

Os dois garotos entreolharam-se assustados. Em seguida, miraram o pai, aguardando reação. O homem estava em meio a uma jogada arriscada, tentando evitar a desclassificação do seu time e o bonequinho do atacante acabara de sofrer um pênalti.

— Pai... Pai... — eles sentiram a determinação da mãe exalando pelos poros, mas principalmente pelo olhar gélido. — Pai, olha pra trás, AGORA!

O marido só teve tempo de ouvir a porta bater e custou a entender o que estava acontecendo. Sacudido pelos filhos, correu até a esposa. Alcançou-a na calçada, à espera de um motorista.

— Você ficou doida, Tania, pensa que vai aonde?

— Acha que eu sou doida, né? Pois vou passar o resto da quarentena sendo doida em segurança.

— Segurança? Onde pode estar mais segura do que em casa?

— Estou falando de segurança mental, Reinaldo. Não posso ficar nem mais um dia confinada com vocês.

— Pare de falar bobagem, mulher, a gente tá no meio de uma pandemia, não é hora pra “mimimi” — o marido tentava demonstrar autoridade sobre a mulher, mas acabou atirando no próprio pé.

— O quê, Reinaldo? Mimimi?!?

Tania viu os filhos acuados pelo receio de terem que passar os próximos dias sob a coordenação exclusiva do pai, o caçula quase chorando. Um lampejo de

dúvida passou por seu coração, mas era por eles que precisava cuidar de si. Deu um beijo em cada um e entrou no carro que acabara de estacionar.

— Pelo menos, diga para onde você vai — suplicou o marido.

— Para uma cabana no alto da montanha, sem sinal de celular, sei nem se tem energia elétrica, e sem vocês me matando aos poucos. — As últimas palavras saíram embargadas e em volume suficiente para que somente o marido ouvisse.

Três dias depois da partida de Tania, a comida de verdade havia acabado. A família sobrevivia do que podia ser encomendado na região como pizza, salgadinhos e refrigerantes. O pai foi ao mercado buscar cerveja, sucos em caixa, petiscos de bacon e bolinhos industrializados para o café da manhã. Não sabia mais o que comprar, o que gerava situações constrangedoras como a substituição do papel toalha pelo papel higiênico que ainda havia no estoque.

A falta de nutrientes convivia com a sujeira. Não havia mais pratos e copos limpos. A louça suja era tanta que não cabia na pia. O menino mais velho descobriu uma concha de feijão antiga na gaveta e guardou consigo para beber água. No chão da sala surgiu um tapete de farelos, chinelos virados e pacotes vazios.

Pior mesmo eram a saudade e a dúvida. Os filhos não compreendiam a humanidade e as necessidades da mãe e se sentiam rejeitados e perdidos. Andavam quietos, cabisbaixos. O marido tentava dar conta das tarefas domésticas, mas por falta de treino acabou piorando o que já não ia bem. No esforço de manter a casa minimamente salubre, assistir os filhos e dar satisfações envergonhadas ao resto da família sobre o sumiço da esposa, angustiava-se com os próprios sentimentos. Chegou a pensar que Tania o estivesse traindo, mas, no fundo, não acreditava na hipótese. Havia alguma coisa que homens não foram ensinados a pensar e a sentir, por isso estava tão inseguro. Tinha medo de que a esposa descobrisse que ele não lhe faria falta ou que encontrasse uma vida melhor. E descobriu como era difícil cuidar dos filhos, da casa e até de si mesmo.

Tania, por outro lado, nunca esteve tão bem. Alugou uma pequena cabana de madeira na floresta a uns cem quilômetros da cidade. Tão distante e isolada que o motorista do aplicativo teve dificuldade para trafegar com seu carro popular que sacolejava pela estrada de terra esburacada e em primeira marcha, já que quase metade do percurso era subida. A cada solavanco, ele bufava de raiva, mas a passageira sorria internamente com a certeza de que escolhera o lugar certo.

Seus dias se passaram exatamente como planejara. Acordava com a sinfonia dos pássaros e levantava quando o sol penetrava pelas frestas das paredes de ripas. Banhava-se numa pequena queda d'água gelada, sem xampu ou sabão,

e ali mesmo esfregava as seis peças de roupa que revezava. Conectada com a natureza, catava frutas no pomar, principalmente amoras; cozinhava o básico que levava consigo cumprindo a meta de uma dieta sem carne que completava com as verduras da horta que o dono da casa cultivava. Aprendeu a comer flores. Dos canteiros também extraía ervas para o chá que a aquecia quando se sentava na porta da casa para ouvir o farfalhar de folhas e galhos e o zumbido dos insetos. Com bastante atenção, conseguia escutar a canção do riacho.

Sozinha no meio do mato, meditou diariamente ao nascer do sol sobre uma pedra em formato de platô e leu os livros que justificavam o peso da mala. Deitava-se quando o sol se punha atrás da montanha, da qual se despedia antes de entrar na cabana e encostar a porta até o dia seguinte quando seu primeiro “bom dia” era dado com gratidão ao sol pelo calor e à montanha pela segurança, depois às árvores e, por fim, às águas correntes que levavam a sobrecarga emocional dos últimos tempos.

No nono dia de isolamento social máximo e ininterrupto na floresta, a saudade, a solidão e a preocupação com o mundo e com os seus pesavam tanto que Tania não conseguia mais curtir o que lhe servira de ferramenta de reconstrução pessoal. Apesar dos esforços para se manter agarrada ao seu novo eu, chegou a um ponto que não suportava mais passarinho, córrego, horta, besouro. Queria os filhos sob suas asas, o banho quentinho e o colo do marido cujas recordações a distância tratou de ressignificar. Até a montanha parecia empurrá-la para baixo. A desintoxicação chegava ao fim e, para que fosse completa, precisava dos seus amores, todos juntos e seguros.

Numa quinta-feira, hora do almoço — o que em meio à pandemia significava depois das cinco da tarde — os garotos perceberam uma movimentação atípica na frente da casa, diferente do deserto que a rua havia se tornado. Da janela, o mais velho viu a mãe chegando, após longos doze dias de ausência. Consigo trazia apenas o único livro que valeu a pena ter lido e uma pequena trouxa no estilo clássico de pano e vareta, feita à mão com o que sobrou de uma das camisetas que levava. Estava descalça e descabelada.

— PAI! PAI! A MAMÃE VOLTOU!

O marido fazia a última tentativa de salvar o fogão de uma espessa camada de leite derramado e da gordura de sucessivas frituras quando ouviu o chamado e o atendeu. Não sabia se enlaçava a esposa, fingia indiferença ou a mandava voltar para o lugar de onde veio. Mas a saudade somada à presença feminina, segura e organizada, eram pura promessa de paz. Abraçou a mulher e o toque

firme dos corpos depois de tantos dias foi suficiente para o resgate do afeto e da memória do que construíram juntos. Disse-lhe que os últimos dias foram, ao mesmo tempo, de vazio e tumulto, mas, também, de alerta do que precisava mudar. Pediu à mulher que fosse sua professora, pois ele estava sinceramente disposto a aprender.

Os filhos passaram o resto do dia adulando a mãe. Cozinharam para ela macarrão instantâneo com molho inglês e queijo ralado que eles comeram quase todos os dias. Relataram as aventuras vividas: fechadura da porta dos fundos quebrada e emendada com fita preta, café coado no papel higiênico dobrado em camadas e como usaram a toalha da mesa para abafar as chamas do incêndio na cozinha.

Nos dias que se seguiram, os esforços de todos saltavam aos olhos. No seu íntimo, a mulher agradecia às novas conexões mentais e emocionais adquiridas e que lhe permitiram sentir-se plena. Também era grata à solidão que lhe permitiu refletir sobre a sua própria responsabilidade — ou falta dela — na construção do sistema familiar do qual não poderia desertar agora. Afinal, quantas pandemias ainda apareceriam pelo caminho? Era o tempo de todos aprenderem a viver em comunidade.

A lembrança mais marcante da experiência na floresta foi quando se preparava para voltar para casa. Reuniu os únicos pertences que havia levado consigo e selecionou os que ainda faziam sentido, deixando o restante na mala que ficou no meio do caminho para que alguém encontrasse e fizesse bom proveito. Caminhou em descida por quase duas horas até um local com sinal de internet de onde chamou um carro que demorou mais de uma hora para chegar. Entrou no veículo e, com alívio, lançou a última vista e um agradecimento para a montanha que, em resposta, garantiu-lhe que continuaria no mesmo lugar e que ela seria muito bem-vinda sempre que fosse necessário um novo ciclo de recolhimento em si.

## FAUSTA

*Marcelo Pacheco Soares*

*“Père adoptif de ceux qu’en sa noire colère  
Du paradis terrestre a chassés Dieu le Père,*

*O Satan, prends petit de ma longue misère!”  
 (“Les litanies de Satan”,  
Charles Baudelaire)*

Recebeu o primeiro diagnóstico positivo para a doença na ocasião em que os postos de trabalho reabriram. Ela era ainda muito jovem e iniciara naquele emprego como trainee pouco antes do início da pandemia. Foi com espanto que descobriu estar contaminada pelo vírus, já que não sentia nenhuma indisposição. Voltou assim para casa, seguindo por duas semanas recomendações de isolamento social. A mãe, de longe e com fervor, repetiu novenas pela recuperação da filha e ela também não deixou de rezar, pedindo por sua saúde acima de qualquer coisa.

Soube que colegas de trabalho também receberam esse resultado, alguns de imediato e outros dias depois de já terem assumido suas atividades laborais, dentre eles, aqueles com quem estivera no dia do retorno. Houve internados por sintomas leves ou gravidade maior, houve mesmo mortos, mas houve também quem, como ela, não desenvolveu sintomas. Após quase vinte dias, regressaram esses sobreviventes que não passaram por nenhuma severidade, para fazer novos exames e, afinal, voltarem a ocupar seus postos; ela, contudo, ao contrário dos demais, com surpresa se viu positivada outra vez.

Retornou para casa assustada, mas confiante na proteção divina que não a desamparara até então. Alguns dias depois de estar na empresa, teve notícias de que se identificou novo surto no lugar, com mais uma ou duas mortes, incluindo a enfermeira do trabalho que a examinou. Na ocasião, foi submetida a um teste alternativo, mais caro e demorado, que acabou por confirmar a prova anterior. Não sabia se acreditava nessas análises, suspeitou do prestígio do desconhecido laboratório contratado pela empresa, mas, com o corte total do pagamento, que já estava diminuído pela metade desde o início da peste, não gozava de recursos que lhe permitissem buscar alternativa mais confiável. A situação financeira aguda, aliás, dava-lhe apenas mais um mês de aluguel pelo depósito feito na contratação, o que, findo o prazo, obrigaria que retornasse à sua pequena cidade natal, à casa



dos pais. Ela hesitava quanto a essa solução, temendo contaminar o velho pai e a velha mãe, mas a escolha era cada vez mais inevitável. Quando pouco mais de um mês depois o sangue, que lhe foi sorvido dessa vez em seu endereço, acusou ainda a presença ativa do vírus, uma vez despejada, não conseguiu alcançar opção e assumiu o risco.

Tinha fé, porém, de que essas análises estivessem equivocadas e que tudo terminaria bem ou que, sendo ela assintomática, por uma questão genética, os pais tenderiam a ser da mesma substância fisiológica sua. Além disso, Deus proveria. Enganou-se em quase tudo. O motorista que fez seu transporte até a cidadezinha ficou doente, internado por longo período, enquanto o pai e a mãe não sobreviveram ao seu convívio por nem mesmo três semanas. Estando agora em um ambiente rural, cidadela onde todos se conheciam, longe portanto do anonimato da urbe em que morara nos últimos meses, não tardou para que se comentasse de modo amplo o fato e a secretaria municipal de saúde passasse a fazer nela exames semanais, para tão logo aliviar as tensões da população. Todos os tampões, porém, marcavam insistente positividade. Em contrapartida, ela se sentia cada vez mais bem disposta, nem de inanição sofria, consequência imaginada desde que, para não sair nunca às ruas, se alimentava exclusivamente do que colhia da pequena horta do quintal de casa organizada pela mãe. A matéria era pouco variada, mas seus dotes culinários tornavam-na pratos de inesperado deleite ao paladar.

Das enfermeiras que se revezavam na coleta do material para exames na varanda de sua casa, duas adoeceram e uma faleceu, apesar das roupas absolutamente vedadas que usavam, projetadas para desastres nucleares, e do processo de descontaminação por que passavam antes de retirarem o traje. Acusada de trazer a peste para a cidade, que em poucos meses perdia cinco por cento de sua população, ela recebeu certa noite um telefonema da amiga do tempo de catequese, que dizia, porque não podia se desviar dessa obrigação moral e afetiva depois de todas as boas lembranças que guardava da infância, estarem lhe organizando um atentado. Ela então pegou os bens que podia carregar, fez uma oração breve diante do pequeno altar que a mãe havia mantido na varanda e, no início da madrugada, tomou o velho carro do pai, rezando muito para que funcionasse e tivesse combustível suficiente, assim escapulindo antes que os homens munidos de tochas chegassem e incendiassem a casa em que crescera e que estava na família havia cinco gerações.

De volta à cidade grande, mas impossibilitada de encontrar emprego na área de formação, porque toda firma de tecnologia conhecia a sina da sua falida concorrente cuja desgraça, regia a lenda urbana, era atribuída à estagiária assintomática, conseguiu uma ocupação de cozinheira em um restaurante. Não demorou para que o local se tornasse significativo foco da doença e quedasse interdito pela vigilância sanitária, cujas investigações, por cruzamentos e interseções, acabaram chegando ao seu nome, após o mesmo processo ocorrer em outros dois estabelecimentos em que ela também passara a trabalhar. Foi, então, examinada pelos mais conceituados laboratórios da região, que lhe identificaram a insistente positividade virótica, não obstante seu estado de saúde perfeito. Liberada na ocasião, estava sob a condição de que não voltasse a trabalhar junto ao público, ainda menos na produção de alimentos, e que, enfim, se isolasse por completo. Mas precisava de sustento, ao que não foi oferecida compensação do Estado, não demorando a novamente se posicionar em algum mercado laboral, dessa vez em casa de famílias abastadas, que não raro comentavam que seu tempero divino deveria ser apreciado de joelhos. Nesse ponto, a situação tornou-se mais tensa, porque se viu responsabilizada criminalmente pela morte de vários cidadãos da mais alta classe burguesa da nata social da capital do país, uma exterminadora da nobreza daquela ancestral cidade.

Foi inicialmente internada em hospital psiquiátrico, não pelo diagnóstico de problemas mentais, mas por ser o único lugar em que se pudesse realmente a manter isolada, nas estruturas arquitetadas para esse preciso fim. A equipe clínica, a essa altura, já não se aproximava dela, mas funcionárias da área de limpeza foram pouco a pouco fazendo amizade pelo vidro do visor da porta e, num dado momento, vendo-a tão bem e não crendo em sua doença, estabeleceram contato mais próximo, o que logo ocasionou um grande surto no lugar que não apenas a matou como vitimou ainda pacientes, enfermeiros e, no limite do imperdoável, médicos. A solução encontrada foi enclausurar a mulher numa ilha abandonada onde funcionara décadas antes um antigo farol, alimentando-a com enlatados que lhe caíam de paraquedas a partir de helicópteros, enquanto uma larga discussão que envolvia vários setores da sociedade deliberava se não seria o caso de lhe imputar uma pena capital, buscando piruetas argumentativas que lhes permitissem aplicá-la sem perder o tradicional estatuto de civilidade religiosa que marcava aquela nação.

Nesse tempo, por experiência que se disfarçava em caridade, deram-lhe a companhia de um cão, que tinha a função do pássaro engaiolado nas minas

de carvão. O animal, segundo esperado, adoeceu algumas vezes, não resistindo à terceira investida do vírus. A perda de mais essa amizade, quiçá a única que verdadeiramente nunca a temeu, fez a mulher tomar a decisão de fugir da ilha em que estava confinada, a nado. Era mais provável que morresse tentando atravessar o largo espaço aquático que a separava do continente, mas ela mesma já considerava que a pena capital era mesmo uma hipótese e saltou de madrugada nas águas salgadas congelantes do oceano, deixando a cargo de Deus a aplicação ou não do castigo definitivo. Tinha em verdade, porém, ainda mais saúde do que supunha porque, apenas após algumas horas de ininterruptas braçadas, estava de volta à terra firme. Havia uma estrada, deserta naquele horário, que levava a algum lugar desconhecido e ela a seguiu a pé. Não se permitiu, porém, alcançar destino, passando a viver às suas margens, evitando contatos, comendo raízes, hidratando-se quando chovia, sem convivência humana de nenhum grau.

Reapareceu muitos anos depois, com novo nome e com feições modificadas pela forma de vida dos últimos tempos, menos crente não nas interferências divinais, mas na positividade de suas proteções. Estava, então, convicta (menos que isso, no máximo, esperançosa) de que, como todos os surtos conhecidos da doença haviam desaparecido naturalmente, apesar dos fracassos da ciência em encontrar soluções medicamentosas ou profiláticas com absoluta eficiência, ela também decerto já não a desenvolvia ou transmitia. Encontrou novamente ocupação no mercado alimentício, atuando em bares e pensões, espaços identificados rapidamente como origem do ressurgimento da peste, sob variante mais mortal do vírus. Assim é que pôde fazer e perder amigos novamente. Reconhecida afinal pelas novas diligências sanitárias, precisou empreender a repetida evasão.

Andava clandestinamente pela cidade, enquanto seu retrato falado se espalhava de mão em mão e a cercava. Acuada no cais, prestes a ser capturada pela perseguição invisível que apenas intuía, conseguiu esconder-se no porão de um navio mercante estrangeiro que partia para outros continentes, alcançando o sucesso de permanecer oculta por vários e vários meses, alimentando-se das cargas que furtava em quantidades imperceptíveis e tendo por companhia apenas os ratos (cuja população, aliás, diminuía como nunca), sem contato com nenhum tripulante. No momento em que, ainda assim, ouviu que alguns marinheiros começavam a apresentar sintomas da doença, lançou-se ao mar pouco antes que atracasse no porto que se avizinhava, nadando até a praia deserta mais próxima.

Estava agora em país distinto de continente distante, em que não era reconhecida. Fez-se de muda para não entregar sua origem pátria, lugar associado à doença por conta do novo surto de cerca de um ou dois anos antes. Encontrou as mesmas ocupações anteriores, porque a cozinha ainda lhe era um atributo irresistível e, por isso, potencialmente empregador. Embora mais envelhecida e após tanto tempo sem prática, não perdera a mão para um bom tempero, mesmo que involuntariamente o envenenasse. O surto da doença que não se manifestava no país há tantos anos foi atribuído ao navio pestífero que atracara há pouco tempo, malgrado o fato de a nenhum tripulante ter sido permitido desembarque, mesmo os mais graves que careciam de internação imediata — o falecimento do arrais, destaca-se, gerou mesmo uma indisposição diplomática entre as nações envolvidas. O fato de a peste ressurgir nos demais portos por que passara comprovaram a culpa da embarcação, na qual não se registrava traço de sua presença.

Era esse novo destino um país maior e muito mais populoso e ela encontrou ali oportunidades de se deslocar com mais facilidade e se ocultar com maior sucesso por longos anos, sem que ninguém lhe atribuísse a desgraça de aquela federação tornar-se um novo e permanente epicentro da doença provocada agora por mutação ainda mais contagiosa do vírus do que as observadas nas ondas anteriores de qualquer lugar do planeta. À medida que migrava e se estabelecia em um lugar e cultivava amizades e as perdia para os braços da morte, afinal se convencera de que tinha alguma responsabilidade, de que fora amaldiçoada por Deus com a saúde pela qual um dia rogou e dotada de uma peçonha que a humildade dos olhos e a mudez por que optara não permitiam às vítimas cautela ou defesa. Nem assim, entretanto, tomava iniciativas de se afastar da humanidade por tempo longo, na expectativa de que um dia o mal findasse tão inesperado quanto se instalara. Consumiam-lhe as culpas, é verdade, com intensidades que doíam em partes do corpo que ela não identificava de tão profundas, mas lhe apavorava a alternativa da solidão, de que já tanto padecera.

Tão somente quando, por fim, as autoridades sanitárias locais lhe alcançaram a precisa identidade é que teve ímpetos de fugir e adentrar a floresta densa que existia no limite da cidade em que na ocasião vivia. Tornou a vagar como eremita, alimentando-se de animais que não matava com suas mãos, mas por vezes também sucumbiam aos microrganismos que ela espalhava pela mata. Voltou a plantar, lembrando da pequena horta da mãe, usando sementes que roubava dos lixos lançados nos limites do espaço urbano, fazendo da terra seu

sustento e sua aliada. E assim esperou por muitos anos até que pudesse ter uma oportunidade de regresso. Nesse tempo, não cultivava em si expectativas de que a esquecessem, já que seu rosto, segundo apurou certa vez numa noturna escapada sorrateira pela cidade, era mundialmente conhecido. Descobriu pelos jornais velhos, que embrulharam pescados e foram esquecidos em calçadas após a xepa de uma feira, que seu nome padecia de apelidos inglórios (alguns misóginos), que seus conterrâneos eram vítimas de xenofobia por associação a ela e que, mais ameaçador do que tudo, várias vertentes religiosas fundamentalistas a consideravam uma bruxa leprosa enviada de Lúcifer e queriam do seu exorcismo ao seu sacrifício para aplacar a fúria de Deus contra os homens.

Um dia, incontáveis sóis e luas após o definitivo exílio (não tinha mais parâmetros para contar o tempo segundo as racionalizações da humanidade), sentou-se na porta da caverna que habitava. Os raios do fim da tarde eram fortes naquele verão, ela entretanto sentia frio. Estava tomada por uma tontura, uma fraqueza, uma pressão que lhe magoava o peito e a cabeça. Passou a mão na testa úmida e não restaram dúvidas: tinha febre, provavelmente alta. Então, olhou para o céu, depois para a terra, e, pela primeira vez em tantas décadas, largamente sorriu.

## FIM

*Maximiliano da Rosa*

Porta da frente entreaberta, observo o movimento lá fora, na rua: braços estendidos, suor, sensação de perda, dentes cariados, medo, desalento. Nenhuma dor visível em meu semblante, apesar da angústia correndo nas veias, do desespero acumulado no estômago e dos desejos contidos, tudo contido.

Barba comprida, cabelo por fazer, brigo com o meu reflexo.

A porta de casa é a última barreira.

O último obstáculo.

A única coisa que me separa da felicidade que está lá fora, não aqui. Eu bem quero crer que acabou. Que o mundo agora é um lugar seguro. Que não tem mais nada, já era o vírus e essa porra toda de pandemia e distanciamento social e tudo. Que a vida já pode voltar ao seu lugar. Quero crer. Quero me mover. Quero. Sim, sim, sim. Esperei tanto por esse dia.

Libertação.

Mas que merda. Brigo comigo mesmo. Tento me mexer. Não consigo. Simplesmente não consigo. Não sou capaz. Meu corpo, massa falida. O tempo passa, e continuo parado diante da saída, sem saber o que fazer, sem correr, lutar, fugir, morrer. Imóvel. Prisioneiro. Escravo dos meus temores, atado aos grilhões da indecisão que me domina.

Ergo a minha cabeça, lanço minha visão ainda mais além do portão. Não estou velho, não tão velho, ainda não, meus olhos ainda são capazes de enxergar o mundo em bons detalhes. Através das grades de ferro posso ver as pessoas lá fora, transitando, não mais desbaratadas, sob o sol, vivendo suas vidas quase como antes.

Não se veem mais máscaras, os sorrisos já podem ser exibidos, certamente as mãos não fedem mais a álcool gel, todos podem agora mandar o distanciamento social pra puta que o pariu.

(Felicidade é um prato que se come frio.)

Todo mundo. Não eu. Não eu. Não posso. Não consigo. Não quero. Não vou. Me acostumei. Tornei-me, aos 40 e poucos anos, um misantropo. Atacado pela síndrome da gaiola.

Se antes eu gostava de sair, dançar, ir ao cinema, fazer compras, passear no parque, filmar mulheres às escondidas, agora me satisfaço com a solidão, com as

conversas virtuais, o onanismo displicente. Não posso. Olho para a rua, vejo gente, carros, animais, vultos. Há fervor. E isso me assusta. Assusta tanto que, mesmo diante da ânsia por liberdade, decido que não vou romper o casulo. Não vou. Não vou. Não. Não mesmo. Não mais, fecho a porta, volto, me acomodo no sofá da sala, sinto-me confortável. Ligo a merda da TV. Ligo e ali está o mundo. O mundo ao vivo e à cores. O mundo triste com suas queimadas, crimes, mortes, políticos corruptos. A vida de sempre, sem sentido, inútil. Grudo minhas vistas na tela cintilante e descubro o que já era sabido. Que lá fora ninguém sente a minha falta. Nem aqui dentro. Não faz diferença. Sento-me no sofá. Apenas me sento. Observo o revólver sobre a mesinha de centro. Comprei-o Mercado Livre junto com um monte de tralhas inúteis. Ele, belo. Ele, frio, me chama. Treme. Pede que eu o segure em minhas mãos. Eu faço. Não resto. Eu o pego. Empunho. Minhas mãos estão trêmulas. Quero apertar o gatilho. Mas, de repente, mais que de repente, desisto. Foda-se. Não quero morrer. É a vida o que eu quero. A vida saborosa que me foi negada por meses. A ânsia cresce, borbulha em meu íntimo. Sinto o calor aumentar. Ouço a voz da vida gritando em meus ouvidos, dizendo: vai! Corre, filho da puta. Viva! Então, obedeço, solto a arma. Levanto-me. Abro a porta, olho para a rua. A vida está lá fora. A porra da vida. Ela me chama. Praticamente clama. Vem! Meu corpo queima, incendeia-se. Não aguento o peso do tecido de minhas roupas arranhando minha pele flácida. Começo a me despir. Tiro a camisa, as calças, os sapatos. Fico só de cueca. Parado. Olhando o mundo exterior, em movimento, através da porta, outra vez, entreaberta. Movimento. Isso, movimento. Movo minhas pernas. Um passo. Depois outro. Caminho, corro. Me desfazo das últimas peças de vestuário, tropeço, caio, me levanto. Abro o portão, e saio. Em disparada. Cabeça erguida. Livre.

Eu vou.

Eu corro.

Eu grito.

Eu vivo.

## NÃO ROUBARÁS

*David Ehrlich*

— Me diga uma coisa, você é estudante de jornalismo, certo? — perguntou Daniel.

Max discretamente suspirou, como sempre fazia quando lhe perguntavam sobre sua monótona vida de estudante universitário quebrado tentando pagar as próprias contas. Ou, pelo menos, a monótona vida que ele tinha antes da quarentena.

— Sim, sou — ele respondeu.

— Então você escreve bem, não? — Daniel perguntou.

Sim, Max escrevia bem. Por que outro motivo ele teria decidido estudar jornalismo? Escrever era a única atividade na qual ele se sentia minimamente esperto.

— Claro, por quê?

— Bom, vou falar de uma vez: conheci essa mulher em um site, começamos a trocar mensagem, já enviei solicitação de amizade pra ela em tudo que é rede social, mas eu quero escrever algo mais... Algo mais amoroso, sabe? Pra mantê-la interessada em mim até a quarentena acabar. Será que você consegue? Sabe como é, policial não tem muita habilidade com palavras.

Como tudo que envolvia Daniel, Max concordou. Ele podia ser um sujeito um tanto estranho — a começar por insistir em se afirmar policial, mesmo tendo sido expulso da polícia —, mas conhecê-lo foi a coisa mais interessante que Max se lembrava de ter acontecido em sua vida nos últimos anos. De que outra forma explicar que ele estava passando a quarentena no meio de um shopping abandonado?!

Daniel lhe entregou o celular, e Max já estava selecionando na cabeça algumas frases e palavras que sabia que ficariam boas... Mas tudo que já estava pronto foi imediatamente apagado quando ele viu que a mulher com quem Daniel estava conversando era Alexia. Já havia se passado quase um ano, mas ainda não havia superado direito a supervisora de estágio dele. Desde o primeiro dia de trabalho ele a considerara a melhor coisa naquela emissora: linda, engraçada, inteligente, dona de si... Eles se deram muito bem, porém Max nunca teve coragem de chamá-la para sair. Talvez porque ela era a supervisora dele e não seria profissionalmente ético eles saírem juntos. E porque ele era mais novo que ela. E porque ele era só um estagiário e não tinha nada a lhe oferecer.



— Bonita ela — Max comentou, fingindo-se ignorante.

— Sim, ela é executiva de um noticiário na TV — Daniel respondeu, sorrindo acanhado. — Está vendo porque quero sua ajuda? Tá aí, eu me metendo com mulher que está muito acima do meu nível!

Então agora ela era executiva! Max ficou feliz com a promoção dela. Poderia começar uma conversa por aí: “Oi Alexia, soube que você foi promovida, meus parabéns...”.

Mas por que estava imaginando aquilo? A mensagem não era dele, era de Daniel! Era em nome dele que estava escrevendo!

— Deixe-me pensar um pouco no que vou escrever — disse Max, e afastou-se.

Caminhou pelos corredores do shopping, pensativo. Parou em frente a uma loja de artigos cults. Dentro, dava para ver dois pôsteres, um de “O Sétimo Selo” e um de “Fausto”. Max gostava desse tipo de filme. Começou a imaginar como seria jogar xadrez com a Morte, ou com um demônio que acabou de apostar que conseguiria corromper sua alma.

“Admita, você quer se dar uma chance com ela”, diria o demônio enquanto movia um peão.

“Querer eu quero, mas primeiro que seria errado. Não vou roubá-la do Daniel”, responderia Max, movendo um cavalo primeiro para frente e depois para o lado.

“O Daniel é só alguém que você acabou de conhecer. Você o considera seu amigo?”

“Bom, não, mas ainda assim não pegaria bem depois de ele ter me ajudado. E, segundo, a Alexia nunca mais entrou em contato comigo depois do estágio. Ela não está interessada em mim. O que eu poderia oferecer a ela?”

“Poderia oferecer algo que ela ainda não sabe que você tem: uma história.”

“Que importa uma história? Ela agora está conversando com o Daniel, de qualquer forma ela vai ler o que eu escrever e achar que foi ele, e vai se apaixonar por ele...”

“A menos que você deixe óbvio para ela que foi na verdade você que escreveu. Tem jeitos de fazer isso sem que o Daniel perceba...”

Aquilo ativou a memória de Max. Sim, havia uma coisa que ele poderia inserir na mensagem. Uma piadinha interna, que só ele e Alexia sabiam. Mas era algo bem besta, ele próprio havia esquecido, que dirá Alexia. Mas se ela se lembrasse dele, se lembraria da piada. E associaria uma coisa à outra ao lê-la. E se não

se lembrasse, paciência. Sim, isso não seria errado. Seria só um teste, demônio algum poderia dizer que corrompeu sua alma com isso.

Correu até Daniel, pediu o celular dele e começou a escrever. Era uma mensagem longa, mas de frases curtas. Leitura fácil e que deixaria o romantismo óbvio. E no meio dela, inseriu a piada interna. Discreta, perfeitamente integrada ao contexto. Chegou inclusive a mostrar a mensagem completa para Daniel. Max não estaria guardando segredo para com ele... Pelo menos nenhum segredo desnecessário. Mas Daniel leu a mensagem e aprovou. Era isso, então. Enviar. Estava feito.

Levou um pouco mais de uma hora, porém Max sentiu seu celular vibrar com a chegada de uma nova mensagem. Era Alexia.

*Oi Max, tudo bem? Há quanto tempo!*

“Agora é com você, mova suas peças”, disse o demônio enquanto avançava com cuidado a rainha em direção a Max, rindo discretamente.

Oi Alexia! Faz tempo mesmo! Tudo bem sim, e contigo?

*Estou bem também, mas o trabalho aqui na TV está meio caótico agora com a quarentena! Heïn, diga uma coisa, você conhece o Daniel? Foi você que mandou aquela mensagem, não foi? Reconbeci teu jeito de escrever.*

A partir daí, Max lhe contou tudo que aconteceu desde que saiu do estúdio. Como havia perdido o apartamento que alugava logo antes do lockdown – o quanto isso era ilegal ou não, pouco se importava, estava feito. Como estava no metrô quando veio o anúncio de que todos teriam obrigatoriamente que ficar em casa – exceto ele, que não tinha casa. Como conheceu Daniel ali mesmo no metrô, que o viu cabisbaixo com a notícia e começou a puxar conversa. Como Daniel lhe convidou para ir morar com ele. Como ficou surpreso ao descobrir que Daniel também tinha recentemente perdido o emprego e a casa e agora morava provisoriamente em um shopping isolado que havia sido fechado devido à quarentena. Tinha tudo que precisavam, e aparentemente Daniel conhecia todas as manhas para morar ali sem serem expulsos e sem que outras pessoas ocupassem o local. Não era exatamente confortável, mas era como morar numa mansão com várias salas temáticas. Eles assistiam filmes no cinema, comiam na praça de alimentação, jogavam no fliperama – uma raridade cuja existência Max agradecia para aliviar seu tédio – e, no geral, não faltava com o que se distrair. A única regra que Daniel impunha era não roubar, mas o que pudesse ser usado eles usavam.

Alexia ficava fascinada com o relato de Max. Obviamente muito disso ela já sabia por conta de suas conversas com Daniel, porém Max era melhor escritor, portanto seus relatos tornavam tudo muito mais interessante. E por que não tornariam? Daniel, apesar de legal, era um maluco para o qual nada daquilo parecia absurdo. Era Max que via naquilo uma quebra com a monotonia. Algo diferente. Algo que ele um dia contaria aos netos: “Já lhes contei de quando morei em um shopping abandonado?”.

Max passava os dias conversando com Alexia. De noite pensava nela também. Sentia que estava finalmente vivendo um momento decisivo em sua vida, uma história. Assistia a filmes e sempre se perguntava quando que os protagonistas percebiam que estavam vivendo algo extraordinário – para logo em seguida se perguntar quando que ele próprio viveria algo assim.

Bom, agora estava vivendo: escondido em um shopping em meio a uma quarentena de nível mundial, reencontrando uma paixonite pelo maior dos acasos, convivendo com um estranho (em todos os sentidos da palavra) que era um alívio cômico ambulante... Então por que ele não se sentia assim? Por que cada novo dia ele se sentia pior? Por que, ao tomar banho no banheiro dos funcionários do shopping, ele lá se demorava, querendo apenas ficar sozinho? Por que, ao invés de fazer os trabalhos virtuais que seus professores enviavam, ele passava os dias andando arrastado por corredores que já conhecia de cor, sentindo um vazio impossível de ser traduzido em imagem?

“Você se sente assim porque sabe que é uma pessoa horrível”, provocava cada vez mais o demônio, exibindo um tabuleiro imaginário de um jogo que Max a cada nova rodada percebia que não sabia jogar.

“Talvez eu seja mesmo”, respondia Max, fazendo uma jogada que sabia que era ruim, mas não via alternativa melhor. “Estou roubando a Alexia do Daniel. Ele veio todo apaixonado me pedir ajuda, e é isso que faço”.

“Sem falar que só faz isso para aliviar o tédio.”

“Não é bem assim! Eu gosto da Alexia, gosto dela desde que a conheci.”

“Então por que não conversou com ela antes? Podia ter mantido o contato depois que terminou o estágio, mas preferiu não. Esperou ela fazer isso. Da mesma forma como não fez nada quando a dona do seu apartamento te pôs para fora. Você tanto gosta de filmes e tanto quer que sua vida seja um, mas não consegue ser um herói. Espera que tudo seja que nem em um desses filmes B, em que coisas simplesmente acontecem na vida do protagonista sem que ele tome qualquer iniciativa.”

“Achava que você estava tentando corromper minha alma, não me analisar.”

“Ah, bobinho, ainda não entendeu? Eu sou só um fruto da sua imaginação, é você mesmo que está se analisando, e ainda por cima está fazendo um péssimo trabalho nisso. Não existe essa história de corromper almas, e mesmo se existisse não se trata de te convencer a fazer algo ruim. É você saber que está fazendo algo ruim, fazer mesmo assim e, o mais importante, gostar de fazer.”

“Eu não gosto do que estou fazendo.”

“Porque você agora vê o Daniel como um amigo?”

“É... Acho que sim...”

No dia seguinte, tomou coragem para conversar com Daniel. Este estava enrolado em um cobertor no chão, as costas apoiadas em uma vitrine, lendo vorazmente um romance de detetive. Max até então nunca o vira com um livro na mão, mas talvez Daniel gostasse mesmo de ler. Talvez ele não fosse apenas um alívio cômico que fazia coisas aleatórias para a incredulidade de Max, mas sim um personagem extremamente complexo. O jovem apenas não conseguira vê-lo assim antes porque tudo tinha que girar em torno dele, o protagonista.

— E aí, Daniel, como você está? — perguntou Max.

— Foi por causa dos romances de detetive que entrei pra polícia – ele respondeu. – Acho que foi por causa deles também que saí de lá. – Pausa. – E você? Está sempre no celular, conversando com muita gente ou é alguém em especial?

— Alguém em especial. — Silêncio. — E você, como está indo com a Alexia?

— É, não está indo. Acho que acabei entediando ela, mas acontece. — Daniel fechou o livro e espreguiçou-se. – Ok, estou de volta à realidade. Pode me dizer o que te aflige.

Max levou um longo tempo para organizar seus pensamentos. E, durante todo este longo tempo, Daniel esperou pacientemente, de pernas cruzadas. Era impressionante como nada parecia deixá-lo ansioso ou angustiado. Mas de certa forma era o que Max esperaria de alguém que resolveu ir morar em um shopping após ser despejado de casa.

Enfim, Max conseguiu lhe contar toda a sua história com Alexia. Foi difícil, mas não deixou nada de fora. Inclusive falou como enganou Daniel ao enviar a mensagem. Durante toda a confissão, Max tentava prestar atenção na expressão de Daniel, notar algum sentimento de raiva. Mas nada vinha dele. Ao final, o policial ergueu as sobrancelhas e acenou com a cabeça.

— É, bem que falei que você era mais esperto que eu!

— Não está bravo? Eu roubei a Alexia de você.

— Por que você a teria roubado de mim? Ela não era minha, ela era dela. Roubar seria se você pegasse alguma das roupas que tem aqui, ou um brinquedo, ou um perfume. Ela é um ser pensante perfeitamente capaz de cuidar de si mesma. Nunca entendi isso de roubar uma pessoa de alguém.

— É...

— Você é estranho. — Daniel abriu de volta seu livro. — Mas é legal. Espero que dê certo com a Alexia.

— Não sei, às vezes acho que só converso com ela para quebrar a monotonia. Que faço tudo só para quebrar a monotonia, até ter aceitado vir morar aqui. Não entendo. Estamos no meio de uma pandemia, de algo sem precedentes na história da humanidade, e nada parece me empolgar.

— Você precisa de uma séria ajuda. Conheço alguns que podem te ajudar, só não sei se atendem agora de quarentena. Eu também já me senti assim quando tinha a sua idade.

— E como que passou?

Daniel abaixou o livro e olhou para o vazio, intrigado.

— Sinceramente, eu não me lembro. Talvez não tenha passado. Ou talvez nunca estive realmente lá. — E voltou a ler.

Max virou-se para deixar Daniel lendo em paz, porém antes tomou coragem para perguntar:

— O fato de estarmos morando sozinhos em um shopping.. Você não acha isto absurdo? De uma forma boa?

— Tem pessoas que moram sozinhas em mansões de três andares e pessoas que dividem um canto embaixo da ponte com outras dez. Você acha isso também absurdo?

Max riu.

— Tem muita coisa que não consigo entender em você, a começar por sua incapacidade de responder “sim” ou “não”. — Pausa. — Mas você é legal.

Com o tempo, Max acabou deixando de conversar com Alexia. Ou ela que deixou de conversar com ele. Max jamais chegou a qualquer conclusão a respeito. Voltou a conversar com seus pais, que estavam desesperados de preocupação por ele ter passado tanto tempo sem lhes dar notícias. Disse que estava bem e morando com um amigo. Não disse onde, mas disse que, enquanto durasse a quarentena, não haveria necessidade de correr atrás de novo apartamento.

Os jogos de xadrez com o demônio pararam. Fruto da sua imaginação ou não, uma coisa podia-se dizer: o demônio não era mal perdedor. Em momento algum tentou roubar no jogo. Pelo contrário, queria que Max corrompesse a própria alma convictamente, e deixou-o em paz quando não conseguiu.

Um dia, porém, Max viu em uma das lojas um jogo de xadrez montado. Nunca tinha reparado nele antes, mas também nunca havia reparado antes naquela loja. Olhou para os lados, mas nada viu. Sorrindo, deitou o rei do demônio – era o preto ou o branco? Não se lembrava mais. Xeque-mate.

— Quer jogar xadrez? — ouviu de repente a voz de Daniel, que se aproximava dele.

— Não, estava só pensando — Max respondeu. — Não sei se já assistiu àquele filme “O Sétimo Selo”...

— Seis vezes, e não entendi nenhuma! — exclamou Daniel. — Talvez porque três delas tentei assistir sem legendas. Acho que dá pra assistirmos lá na telona do cinema. Quer?

— Beleza, mas com legendas, por favor! — Max sorriu, e deixou o jogo de xadrez para trás.

---

## A MENDIGA E O POETA

*Marcio Freitas*

Um poeta parou seu motorhome do outro lado da esquina para não comprometer o fluxo de carros pela via principal. Avistou uma moça debaixo de uma árvore, perto de uns barracos, que chamou sua atenção e/ou lhe deu inspiração, algo assim. Ela estava de mendiga, sem asseio constante, sem banheiro ideal, estava no sol da rua sentindo o purgatório atemporal. Era jovem, bonita, destemida, moradora de rua por circunstâncias, falta de governo, etc., em abundância. Ofereceu um bom dia e ela retribuiu, mas sem tirar o foco da busca por gravetos para ajudar a acender o fogareiro. Ele insistiu e provocou.

— Quais palavras com letra “A” você lembra deste ano?

A moça olhou o poeta e, ao seu redor, barracas de papelão e pedaços de plástico, parentes sentados em tamboretos improvisados, febre nas crianças, merda de cachorro, cinzas do fogo da noite passada, discreta e firme.

— Moço, eu lembro algo além do amor. Lembro Amazônia, Amapá. Lembro Auxílio Emergencial e aquele povo “sem precisar” colocando tudo no bernal. E fazendo live... Lembro-me da falta de educação daquele Abraham Weintraub e suas manobras assassinas contra a educação. Morri um pouco a cada mês vendo tudo de nariz vendado.

— E sobre o B? — perguntou o poeta.

— Como assim? — reagiu a moça, mendiga por circunstâncias.

— Sabe dizer algo sobre a letra B? — insistiu o poeta.

— Sim, posso dizer que estava quase lá, na bolha das Big techs, mas sou perdida, apesar de hightech. Tem também o babaluê do Banco Central, tem Brézil e o presidente estúpido no jornal, tem Brexit também — disse a mendiga.

O poeta sentou-se em um dos bancos improvisados, de tijolo baiano e começou a escrever. Mas a rima verdadeira ainda estava para chegar. Foi então que decidiu outra questão sugerir.

— Você mora há muito tempo embaixo desse monumento?

Olhos arregalados para o poeta, sem ensaiar ela disparou:

— Antes de falar de tempo, vamos pelo alfabeto, quero dizer pelo “C” que o inferno esteve perto. Foi Corona, foi Ciência, Carniças de parentes para urubu. Foi porrada em preto, preconceito, Carrefour.

O poeta estranhou, não sabia o que perguntar. Resolveu ficar em silêncio e deixar a moça continuar.

Ela acendeu uma bituca de cigarro e entre um cacoete e um pigarro falou mais sem melindrar:

— Tem em 2020 uma coisa que não é o seguinte, não rima, pois é Donald Trump e sua trupe; tem a partida de Diego, que para mim vai além de Maradona. Tem Donos da verdade, Distanciamento social e sociedade de máscara, calada, de deusa, de doida...da vida.

— Ei, você – falou o poeta. Sem pressa. Ofereceu cerveja que tinha na mochila térmica.

Nada de resposta. Veio como nuvem pesada a ideia do E. Estava sombrio. Estava com cara de chuva. Tinha um latão de lixo transbordando de Brasil. Restos de humanos e caviar. Ela olhou e falou do E:

– Eleições no meu país. Ensino à distância para manter a crença. Circunstâncias e energia mais limpa? Não sei. Mais cara? Sim, sei. Minha cara de rua é disso também, além do trem.

Ela convidou o poeta para entrar em sua tenda antes da chuva, ou de qualquer arrastão. Ficou mexendo em alguns mantimentos dentro da barraca. O poeta, com os óculos embaçados de tanto cuidado, sentiu o calor da “telha” de plástico e o preço justo pela desgraça alheia.

O poeta revigorou-se e mostrou curiosidade em conhecer a mendiga circunstancial.

Perguntou o que sentia pelo F naquele ano fora do normal.

Ela astuta e com fome reagiu:

– Tem tudo de ruim e Flávio Bolsonaro. Tem Fabricio Queiroz e os pobres tomando bala na cabeça em fim de tarde. Tem fogo no Pantanal e no Planalto Central. Tem ferrado a gente essa política. Como tem.

Após anotar alguma coisa, o poeta desafiou mais uma vez, mas tonto de paixão, não sabe se faz o melhor.

– O que me diz da letra G?

Ela responde antes de soprar o fogo que faria a refeição para seu bando.

— Veja, moço das rimas. Aqui, da minha mais pendular estima, te falo em plural. Falo que seu verso não me ajuda, nem me leve a mal. Quero dizer que George Floyd foi uma grande explosão, mas quero dizer que ser grande morando na rua é ser questão de sorte.



— Qual a cor do H nesse mundo que vives embaixo desse plástico-casa? — perguntou o poeta, olhando pelo corte no plástico como estava o tempo lá fora. Um estrondo de trovão refletiu nas panelas do barraco.

A moça forte, jovem, bonita, mendiga de circunstância, além de tudo preta, mostra calma, alma, apreço, empatia, nada de rima. Disse somente que 2020 teve Hidroxicloroquina.

— Hong Kong veio no meu radar porque eu era da geração conectar. Eles me engoliram por minha cor, por meu amor e tudo o mais — disse a moça mendiga.

O poeta ficou pensando por uns minutos o que seria astuto perguntar. Pensou em perguntar pelo “T” querendo colocar a moça mendiga, algo entre uma paixão e uma parada de momento na vida paulistana. Coisa baiana de aconchego, de enrosco e enredo. O poeta perguntou o que ela saberia falar de 2020 sobre a letra “T”.

Ela respondeu:

— Meu dilema não é nada com injustiça que correu solta pelos cantos desse pedaço monumental de país. Inquéritos sobre a família desse presidente e nada, tudo morre. Quero colocar o I da insistente resistência que temos por sermos o que somos, além do histórico abandono.

Quando chegou o “J”, o poeta refletiu e não perguntou. Mas a moça mendiga instigou:

— Não vai falar do monstro? Eu me nego a falar, mas eu quero Justiça. Justiça faltou e falta.

Ele a olhou sem pressa, sem movimentar os olhos, sem argumentos. Apenas sua paixão aumentando pela moça mendiga de circunstância. Lá fora, os pingos fortes da chuva davam sinais de tempestade.

Ela entendeu a situação. Tentou acender fogo para a refeição e disse:

— Quero soprar meu fogo e dizer que o tal do livre pensar ficou assado demais e passou do ponto. Teve, sim. Ministério da Saúde amiúde e vexatório, teve morte. Sorte? Morreu Moraes Moreira. Morreu poesia, poeta. Sem eira nem beira.

A moça tinha de acender o fogo para fazer o jantar da família despejada, mas o vento deixava a tarefa mais complexa.

O poeta anotava suas novidades.

— Será que tem “N” neste ano que tenha jeito? — perguntou o poeta sem noção do tempo.

— Teve uma atriz que minha mãe gostava quando tínhamos TV. Nicette Bruno nos deixou e nos palcos do teatro um vazio de cultura pelas mil faces que a grande atriz não mais nos mostrará — disse a moça que seguiu:

— Já adianto que sobre o ‘O’ temos a OMS e suas entranhas de morcegos, cobras e aranhas. Clamo a ti, poeta por um ‘P’ de paz para os dias vindouros, pois este ano foi só estouro, meu pesar pelo Pantanal pegando fogo, pelo povo que morreu, pelo pó da explosão do Líbano.

O poeta perguntou o que rimava com ‘Q’ para 2020 ou para o ano seguinte. A moça olhou para o céu e viu nuvem escura com raio e trovão. Pegou um graveto e desenhou um desejo no chão.

— Quero um próximo ano mais lúcido. Quero uma nova década mais humana. Quero sonhar com a Mafalda de Quino e acordar com o sino dobrando pela paz mundial – disse ela, olhando para o poeta e sentindo um frio na barriga. Mas ela seguiu falando:

— As Reformas nunca vieram e tudo está com goteira. Seja aqui, neste barraco, seja em palácios de Brasília. Renda Cidadã, isso, aquilo, todos inventam nomes em nome do interesse próprio. Sem contradição, mas a Regina Duarte, em matéria de política, sim, foi decepção. Falha de algo além do caráter. Falha de lado. Deformidade estrutural do pensamento.

O poeta olhou sincero para o céu quase desabando de chuva. Retrucou pelo alfabeto, mas não quis ser esperto em inventar armadilha. Seguiu a trilha e mandou:

— O que me fala do ‘S’ que não seja Socorro?

Ela riu de graça por quase um terço de minuto. Olhou na direção do vento no momento da resposta, ficou um tempo de costas para o poeta e de frente para a ilusão.

— O SUS salvou meu irmão, minha tia e meu pai, entrou nas mãos de médicos negros e eles me devolveram meus entes são e salvos. Sérgio Moro foi um fiasco, vendeu a alma ao Messias e queimou sua reputação que não se paga em termos de moral. O Streaming eu comecei, mas a crise me jogou fora do barco e estou aqui de Suja cara de vergonha, sem seguidores e mente quase sã.

Após o fogareiro estar em ponto de colocar uma panela, a moça equilibra melhor o recipiente com pedaço de jornal e segue falando:

— Do T eu trago a saudade de sentir a tirania deste governo. Não é primavera no Brasil, mas estou em flores e sem terra para minha raiz. Somos muitos tentando buscar um abrigo, uma sopa, um calor. Adeus aos Tik Tokers da

década estranha. Disparou a jovem mendiga por circunstância, no momento em que a chuva caía dentro do barraco e o poeta se levantou e foi para o seu lado. Os dois se olharam mais de perto, mas o calor do barraco não dava inspiração para o afeto.

— Quem seria o U da sua retrospectiva? — perguntou o poeta, deixando-a sem saída.

— Sempre tem saída quando menos parece. Asterix, já ouviu falar sem rimar? Ele foi criado por Uderzo. Sobre o V, antes que me pergunte, tem Vacina, tem Veneno entre os semelhantes, os rompantes polares da década estranha. Quero emendar com Xi Jinping, pois sua China nunca será esquecida.

O poeta comentou que a conheceu no início do ano, quando ela ainda era uma cidadã com endereço e CPF:

— Se existe algo que possa marcar este ano para mim, além de tudo que me falou e do que aconteceu em outras palavras, quero dizer que te conheci no Zoom. E o amor que sinto por você me trouxe até aqui para te levar para outra dimensão.

Uma mão encontrou a outra. O calor insuportável deu lugar a um vento fresco que soprava após a chuva. Um abraço foi inevitável.

— Venha comigo — disse o poeta olhando em seus olhos.

A chuva parou, a jovem moça, bonita, mendiga por circunstância saiu da tenda dos seus pais e entrou no motorhome e seguiram viagem em direção ao futuro.

## ALGO ALÉM DO VÍRUS

*Daniel de Souza Silva Júnior*

O descanso de tela do laptop já estava acionado quando na mesa o celular vibrou.

— Chegou! — balbuciou Luiz.

Aprumou o corpo na cadeira, mexeu com o mouse e abriu o e-mail. O genoma do vírus estava na caixa de entrada. Códigos e mais códigos. Uma maravilha da engenharia genética. Um longo códons de proteínas que para um leigo não passavam de letras sem sentido, mas para Luiz, um geneticista experiente, era o vírus decodificado.

— Um primor da ciência moderna! — dizia.

As notícias sobre a produção de vacinas já tomavam a mídia. Cientistas chineses, americanos e ingleses já estavam na corrida propondo uma série de intervenções. O governo e as populações viviam a expectativa de um antídoto. O mercado estava animado. As empresas ansiosas para que tudo aquilo, medo da pandemia e restrições sociais, logo terminasse e voltasse ao normal, ou para um novo normal, como se diziam.

Porém, quando Luiz abriu o código genético, como se fosse um código de computador, não era tão simples como se esperava. Havia um desafio a mais naquelas linhas. As combinações genéticas do vírus não eram nada parecidas com o que já fora visto. As cadeias proteicas eram até bem conhecidas, mas o coeficiente de mutação que o “bicho” registrava em seu RNA não era tão normal de se ver na virologia.

— Natural ou sintético? — Luiz e seus auxiliares passaram a se perguntar, não que essa fosse a questão central, mas enquanto corriam os olhos, linha por linha, naquele genoma, tudo parecia muito mais estranho do que familiar. Não se tratava apenas de saber trabalhar com aquele RNA<sup>13</sup> em particular ou editá-lo para o tornar mais adaptável. Era preciso ir além dos genes. As mutações em seus códons genéticos representavam uma severa capacidade de adaptação do vírus, não apenas em corpos humanos jovens ou adultos, mas também em outras espécies, sobretudo em mamíferos. O código estava lá, bem na tela do computador de Luiz, mas a sua forma, sua escrita e aqueles aminoácidos encarrilhados em formatos quase confusos convidavam Luiz e seus colegas da

---

<sup>13</sup> RNA (Ribonucleic Acid) são moléculas que atuam no processamento genético dentro da célula.

Corporação a se prepararem para o maior desafio de suas vidas: encontrar e descobrir a substância antiviral daqueles genes.

— O coeficiente de mutação está presente em todo o código, Luiz, como isso é possível? — admiravam-se eles.

É claro que, para um bioquímico experimentado em laboratórios de última geração como aqueles da Corporação, a microbiologia apresentava todos os dias uma novidade que encantava o cientista amante da biologia. Luiz estava há duas décadas enfurnado naqueles “aquários” brancos da Corporação dissecando o Ebola, a Dengue e o Zika Vírus. Boa parte de suas descobertas ou se tornaram vacinas de produção em escala mundial ou medicamentos que encontramos às centenas nas gôndolas das farmácias e drogarias. Aliás, seu salário advinha das suas próprias descobertas, muito necessárias para a estratégia da empresa. Um bônus milionário motivava ele e sua equipe a irem fundo naquele genoma. É verdade que naquele caso havia um tom de altruísmo para com a sociedade em geral, afinal, em um contexto de pandemia, todos ali estavam comovidos com o aumento da mortandade. Porém, pela primeira vez, surgiu-lhe uma sensação de que aquele vírus, em especial aquele genoma, não era como os demais, algo estava diferente dos anteriores.

Em pesquisas bacterianas e virais existe todo um conjunto de procedimentos que o laboratório de Luiz deveria seguir automaticamente. Diante de uma doença bacteriana ou viral, Luiz e seu corpo de ajudantes gastavam dias isolando o patógeno – o “bicho” causador da doença – e em seguida ficavam semanas e mais semanas manipulando o “bichinho” bioquimicamente até desenvolverem uma solução farmacológica capaz de neutralizar os efeitos dele num corpo vivo. Só depois iniciariam os testes nos pequenos animaizinhos de laboratório até aplicarem a um corpo humano.

O rápido progresso da pandemia, a gravidade dos sintomas na população noticiados constantemente nos jornais, revelavam a força de propagação do vírus. Isso aumentava a ânsia de Luiz em fazer algo que jamais fizera e nem sequer poderia ter cogitado fazer, mas, diante daquele quadro contextual trágico e da alta letalidade do vírus, desejou ir aos doentes e comparar o genoma que se viu em seu computador com os efeitos da doença nos próprios doentes.

Porém, à medida que as pesquisas avançavam, foi se descobrindo a natureza híbrida e volúvel do vírus, o que dificultava a decifração de sua natureza. Por isso, Luiz cogitava largar o microscópio e seus tubos de ensaios e partir para o campo,

---

caminhar por entre hospitais e centros de saúde para dar de cara com o vírus e descobrir a forma de agir do vírus.

— Uma entrevista com o vírus, quem sabe!? — considerava Luiz em suas reuniões de laboratórios.

Nada comum, de fato, mas essa poderia ser uma possibilidade para entender aquele vírus de genoma de outro mundo. Os corredores dos hospitais e centros especiais de tratamento do vírus eram a todo momento foco dos veículos de comunicação e que, ao seu turno, reverberavam nas páginas da internet toda a mortandade pandêmica. Todos se comoviam com as mortes e internações de idosos e de pessoas já doentes com insuficiência respiratória que no fim viam suas vidas irem para a linha entre a morte e a vida em completa impotência.

— Mas, porque você faria isso? — questionou um de seus assistentes de bancada.

— Quero dizer, o código está bem aqui na nossa frente. Devemos examiná-lo, não? Ele não é suficiente? Talvez haja uma oportunidade ou uma falha que ninguém tenha visto. Pois ir a campo tomaria tempo e, a bem da verdade, é coisa que não temos — prosseguia o seu assistente.

Em toda a ciência moderna, a palavra-chave não é certeza e nem verdade, mas probabilidade. O segredo está no cálculo ser capaz de quantificar uma possibilidade e uma confiabilidade num determinado método científico. Nos estudos genéticos, o que há é exatamente isso: confiabilidade e probabilidades estatísticas na tradução e transcrição de DNAs<sup>14</sup> e RNAs. Ainda mais agora com a aplicação do genoma viral em corpos humanos. No entanto, durante o exame do genoma do vírus, Luiz não conseguia ver além dos encadeamentos de citosinas e adeninas. No entanto, ele viu uma outra oportunidade, um fato que ninguém notara: a raridade daquilo tudo. O bicho era diferente. A sua capacidade de mutação sinalizava que no ano que vem as características da doença seriam outras, e no ano seguinte também seriam mudadas, e no outro, no outro, até se tornar irreconhecível à medida que se proliferasse. As cadeias genéticas, os intrigados arranjos dos genes e as inúmeras possibilidades de tradução e transcrição genética eram a prova de que aquele vírus estava para lá de ser especial; ele era único.

No canto do laptop, em um alerta de mensagens, Luiz viu que o Diretor Geral da Corporação o chamava marcando reuniões para as próximas semanas.

---

14 DNA (Deoxyribonucleic Acid) são moléculas que carregam as informações genéticas de organismos vivos ou virais.

---

Naturalmente a Corporação precisava lançar algo ao mercado, um produto que seus acionistas e parceiros de negócio ficassem motivados, “vender a corrida contra o vírus”, era o que se dizia no mundo.

— Já sabem que você está com o genoma, Luiz — disse Caio, outro geneticista que atuava no mesmo departamento.

Luiz comentou:

— Sabe, Caio, há quinze anos, tudo era mais fácil. Bastava a microbiologia isolar o patógeno e depois, nós aplicávamos nossas análises e insights. Bem ali, naquela sala — apontou Luiz para uma sala de vidro que estava com as luzes apagadas e equipamentos embalados.

— Mesmo no vírus da Sars, em 2003, tínhamos uma total confiança no pessoal da microbiologia para isolar o patógeno de quem retirávamos os nossos antídotos e o elemento antiviral — prosseguiu Luiz.

— Agora, veja isso — Luiz apontava com as duas mãos para a tela do seu computador com uma expressão de insatisfação no rosto — mais de mil linhas de códigos genéticos que sequer podemos analisar ao certo, e agora temos prazo, pressão e obrigação de propor intervenções em tempo recorde? God! — desabafou Luiz.

Ao longo de dez semanas, Luiz e sua equipe pesquisaram, estudaram e analisaram cada ponto daquele código genético do vírus. Alguns diziam que aquele código havia sido gerado na Austrália, outros lembravam que quem conseguiu aquele genoma para a Corporação foram os italianos, pagando favores a alguém, supunham. Um vírus de origem pouco conhecida, embora o paciente zero seja chinês, fosse qual fosse. Luiz permanecia com os olhos firmes nas telas branca e pretas do computador. Esperava meio que por um milagre encontrar uma brecha, falha ou oportunidade naquelas longas correntes genéticas. Por outro lado, o bônus era uma motivação a mais para a equipe, e claro, a solução antiviral tão aguardada pela população em geral poderia levar o nome da Corporação a ser ovacionado mundo afora.

Ao final daquelas semanas, muitos rascunhos haviam surgido. Luiz se sucumbiu em atividades laboratoriais que fez aquele desejo de ir a campo se esfriar devido às burocracias e às altas demandas de trabalhos internos de sua equipe. Analgésicos, antibióticos e inibidores alérgicos foram projetados como medicações auxiliares para o tratamento do vírus. De um código de RNA no computador, extraiu-se medicamentos que já poderiam garantir o portfólio da Corporação em pelo menos trinta anos. Caio, o outro geneticista parceiro de

equipe de Luiz, passou a catalogar todas as descobertas da equipe. Trabalharam em turnos de vinte e quatro horas. Dezoito horas por dia, faziam soluções em tubos de ensaios, simulações em telas de computador, observações nos microscópios, esvaziaram as garrafas de café com bolachas e salgadinhos. Marmitas e fast-foods, todos os dias preenchiam as salas com os cheiros de comida, anotações em quadros, post-its nas baias e, no entorno das telas, uma autêntica equipe de cientistas em busca de oportunidades de cura e negócios com o vírus. Membros da diretoria visitavam a equipe de Luiz diversas vezes, muitas ligações em inglês, italiano e mandarim, zumbidos de equipamentos funcionando compunham toda a sonoplastia de fundo daquela linha de produção laboratorial.

Na véspera da reunião com a diretoria, Luiz se deu conta de que já havia feito muitas descobertas interessantes para a Corporação. Acreditava que pelo menos algumas patentes eram viáveis, lucrativas, e, sem dúvida, um leque de produção se abria para a Corporação. No entanto, o seu desejo interior tornou a reacender o chamando para ir a campo. Circular pelos hospitais ou unidades de pronto atendimento para ver aquele algo além do vírus que detectara na chegada do genoma em seu computador. Pensava, inclusive em levar o assunto à diretoria e mostrar quão útil seria uma abordagem mais in loco, independente do que diga a legislação. É claro que a Corporação não dispunha de mais tempo. Queriam as descobertas para já. Não que seu trabalho estivesse ruim, mas um lado oculto do vírus o intrigava. A estrutura genética diferente que exibia ou mesmo a forma seletiva de contaminar os corpos – pessoas sob o mesmo teto não se contaminavam por igual – levava Luiz a crer que toda a sua descoberta no próximo ano seria talvez prejudicada, embora no papel demonstrava milhões em receitas. Cientistas ingleses já haviam denunciado diversas variações do vírus. O distanciamento social ou mesmo as campanhas de vacinação pareciam não ser suficientes para ao menos arrefecer a sufocante pandemia que cobria todo o mundo.

— Luiz, nosso trabalho está feito. Temos aqui o suficiente para nos manter pelo resto de nossas vidas — disse Caio, manifestando satisfação pelos resultados obtidos pela equipe.

— Sim, Caio. Mas esse código está me dizendo algo para além disso. Essas mutações e adaptações revelam que a tragédia que acontece agora, lá fora. Falta-nos o outro lado da história — observou Luiz.

— Não se pode ignorar que toda a virologia está sendo desafiada nesse exato momento. E a ciência como a conhecíamos está posta à prova por esse



genoma mutante. Mas esse vírus tem um contexto, uma história que ainda não foi contada. Precisamos entrevistá-lo — disse Luiz, antes de entrar em reunião com a diretoria.

Durante cinco dias Luiz chegava na Corporação e corria direto para a sala de reunião, carregando o laptop e os papéis de anotações. Ninguém soube o que trataram ali. Podem ter discutido sobre aspectos técnicos das descobertas de Luiz e sua equipe de cientistas. Questões comerciais, estratégias ou mesmo parcerias de fabricação, sei lá, jamais se soube que acordos ou entendimentos os diretores e executivos pensaram ali. Reuniões como essas levam em consideração muitas variáveis. As condições da concorrência, contatos com governos, fases de desenvolvimento da pesquisa, o ranking das empresas farmacêuticas e biomédicas na corrida pelas vacinas era atualizado diariamente pela a Organização Mundial de Saúde. A Corporação era uma das poucas empresas que estava apostando com tudo na cura dos efeitos do vírus.

O certo é que, ao final daqueles dias, Luiz saiu sem muitas pistas sobre o que acontecera dentro daquelas portas fechadas. Voltou em seu cubículo gélido e esbranquiçado onde a expectativa dos colegas se podia pegar no ar. Sem muita cerimônia avisou a todos que tiraria um ano sabático para descansar e disse:

— O meu papel está feito, isso ninguém pode tirar de mim.

Em seguida anunciou que o bônus de toda a equipe estava assegurado pela Corporação e que a diretoria garantiu todos os pagamentos. Um alvoroço tomou conta de todos. Felicitações e abraços foram distribuídos, trocas de carinhos e afetos, — uma sensação de alívio — expressaram algumas pessoas. Mas, todos sabiam que Luiz não estava nessa empreitada do misterioso vírus só pelo dinheiro. Vindo dos subúrbios paulistanos, acendendo aos altos escalões da Corporação, Luiz tinha um senso de altruísmo muito raro em cientistas de seu calibre. Era um exímio pesquisador da virologia, por outro lado, amava pessoas, gostava de gente, nada terminava em códigos ou medicamentos simplesmente. Tudo para Luiz tinha um porquê. Talvez o que a Corporação fez, propondo um ano sabático àquele brilhante cientista, possivelmente o tenha levado a desistir daquela ideia de ir e ver o outro lado da história do vírus. Sem o apoio da empresa, aquele desejo de Luiz não seria viável para ninguém. Todos ficariam descobertos de apoio financeiro e da segurança social e jurídica.

Seja como fosse, Luiz estava saindo pelas portas da frente do centro de pesquisa da Corporação. E dizem que foi Caio quem o alcançou no carro e, em um tom de despedida, questionou:

— Ano sabático, né!?

— Sim. É melhor assim — respondeu Luiz, entrando no seu imenso sedan coreano.

— Mas, e quanto ao “algo além do vírus” que você havia dito? — perguntou Caio. — Se for o caso, quero também ajudá-lo nisso — completou. Ambos eram velhos amigos de profissão, muitos trabalhos em parcerias superando as várias dificuldades. Geneticistas formam uma comunidade singular. Talvez pela linguagem difícil e extremamente especializada. Sabiam detectar sentimentos uns dos outros. Reconheciam uns aos outros apenas visualizando as estruturas genéticas desenvolvidas laboratorialmente.

— Acredite, Caio, nos próximos dias você não terá tempo para isso. Lute também pelo seu próprio ano sabático — disse Luiz, esboçando um pouco de ironia misturada com revolta, mas logo deu partida no carro, sem mostrar qualquer hesitação. É o que contaram.

Caio não era inocente naquela situação, sabia quando Luiz não estava satisfeito com algo, e aquele era um desses momentos, algo grande estava para acontecer. Luiz tinha sempre uma intuição aguçada na pesquisa. Ele sabia qual técnica era mais viável para aquele ou outro momento. Caio era mais racional em suas decisões, pragmático, diriam alguns, mas seus anos de trabalho junto com Luiz o despertou para esse lado da intuição. Ao longo do dia, Caio recebeu um e-mail o promovendo a pesquisador-chefe no lugar de Luiz. Todos o felicitaram, embora sentissem muito com a saída do Luiz, que nas últimas décadas foi a referência, um líder.

À noite, no noticiário do telejornal, a Corporação anunciou que havia encontrado o antídoto para o vírus. Uma façanha de tempo, recursos e pesquisas científicas como nunca visto na história da indústria de medicamentos. Caio não pode acreditar naquilo que via e ouvia pela televisão. Tudo agora fazia sentido para ele.

Mas, de Luiz, até o momento, não se teve mais notícia.

---

## PÓS-GUERRA

*Juliana Nascimento Berlim Amorim*

Indubitavelmente, era o fim do isolamento social, eu soube ao emergir da onda. Era assim o rosto do dia da libertação: um céu de nuvens baixas e carregadas anunciando a chuva próxima; a faixa de areia cheia para um dia útil; a água fria de cortar os ossos e livre como os pássaros do céu, os peixes do mar e as pessoas nas ruas.

Os rostos dos frequentadores da praia estavam congelados em um bifrontismo existencial: olhavam adiante para um ponto brilhante, mas ainda obscuro no futuro, sem se desligarem do momento tenso do passado, vivido até ontem. Um decreto trancara a vida por meses para um decreto mandá-la se reabrir de estalo, sem que houvesse tempo hábil para as pessoas descobrirem o que fazer com seus sonhos por tanto tempo trancafiados portas adentro, literalmente. Se alguém escarafunchasse aqueles rostos, veria apenas um vazio sensível, mesmo que intocável. Ninguém sabia bem como agir. Muitos não ouviam o próprio nome ou sentiam o toque de outra pessoa há meses. Percebi que, de modo involuntário, os casais se davam as mãos, ao mesmo tempo que permaneciam com os olhares amortecidos rumo ao nada. Era uma cena comovente de se assistir, essa de ver pessoas adultas aprender a agir novamente em público, como se fossem doentes reabilitados. Eu mesma rabiscava no papel algumas diretrizes para o dia, mas a cabeça estava estragada, sem conseguir concatenar um pensamento. Heroicamente, sobrevivemos à peste, eu respirava fundo e sentia, mas para que mundo a humanidade tinha voltado? Tudo não passava de uma sobrevivência constringida diante da pilha de mortos.

Acenei para o vendedor de mate passando à distância. Ele se dirigiu rápido até mim, com um sorriso mais aberto do que o habitual dos vendedores de praia. Paguei a bebida, metade limão, metade mate com um “chorinho” depois. O trabalhador buscava o troco para os vinte reais e, sem aviso prévio, começou a chorar descontroladamente e se sentou na areia sob o peso da emoção. Eu o ouvi relatar suas agruras durante a pandemia, como a pobreza o arrastara ao abismo econômico. Não ousei dizer palavra, porque não há o que dizer a quem assiste aos filhos passarem fome. Ele continuou o desabafo e, mais calmo e enxugando as lágrimas, agradeceu muito à solidariedade dos frequentadores da praia, que se juntaram em uma vaquinha para ajudá-lo e a seus companheiros de

profissão. Se não fosse por essas pessoas, ele não sabia se estaria em liberdade, pois estava disposto a roubar para comer. O vendedor finalmente me deu o troco do dinheiro e pediu a permissão de um abraço, que eu concedi com gosto. Foi o abraço mais sentido que eu recebera em muitos meses, a ponto de revolver meus sentimentos mais puros, congelados desde o fim do verão.

Sinceramente, eu tinha perdido a noção da última vez que abraçara uma pessoa, eu não conhecia mais o cheiro da minha mãe. As lembranças azedas do isolamento deixaram meu coração pequeno, porque o clima de oscilação entre a vida e a morte nos levaram, a mim e a tantos outros, a uma angústia extrema. Os relatos de insônia e ansiedade estouraram e preferi esquecer os de suicídios. Juntamente com os cientistas e artistas, outros patinhos feios da sociedade resgatados em meio à crise foram os psicólogos. De modo incrível, as pessoas admitiam seus medos e inseguranças, devidamente escondidos sob o tapete do rocambolesco mundo da eficiência e da produtividade, apregoadas no leilão das conveniências sociais. Como se não bastasse a problemática da pandemia em si, não estava previsto nenhum alento estatal para aplacar essa dor de sobreviver no caos – eu sabia, todos sabiam. As pessoas que morressem por vírus ou por tristeza facilitavam a vida do governo, na verdade – menos despesa para o naufrágio irreversível da economia, péssima antes mesmo da chegada da doença ao país. Náufragos éramos, náufragos permanecíamos, baluçando sem apoio no meio do mar.

Eu calculava como chegar em segurança sanitária da praia até a biblioteca para onde pretendia seguir depois do mergulho, enquanto o país calculava o número ininterrupto de mortos. Porém, havia muitas outras mortes a contabilizar, como eu constataria na praia: as mortes da dignidade, da esperança, da certeza. Lamentava que a morte da ilusão ainda não tivesse acontecido, porque, no grupo de WhatsApp, os colegas de trabalho estavam felizes de voltar à rotina de escritório, passeios, churrasco e academia. Que rotina, caras pálidas? Eles não conseguiam analisar um palmo de realidade à frente de seus olhos. O mundo como o conhecíamos tinha acabado. Quem se recusasse a vê-lo estava só se enganando, eu sabia, todos sabiam. Mas pelo visto as pessoas precisavam exatamente disso: de aparências. De véu de Maya, de mito da caverna, de mística momentânea, de uma droga de supressão do real imediata e rapidamente.

Ficariamos sem consolo durante anos, vivendo por cima dos cadáveres de nossos mortos, ignorados durante e depois da tragédia. Faríamos como os traidores da pátria em período de paz, escondendo-nos da vergonha de termos

colaborado com o genocídio. Porque, de uma forma republicana ou outra, fomos cúmplices. Eu olhava através da janela da biblioteca para a cidade e contemplava os abismos morais de um país que comemora campeonatos de futebol durante colapsos do sistema hospitalar. É mesmo como nas guerras, existe uma vida cotidiana acontecendo paralela à destruição maior, que súbita, irrompe na vida da mais improvável criatura. Assim é, e a atendente manuseava o livro que eu devolvia, assim é, pensava eu observando a capa da edição brasileira. Uma linda moça loira, envolta na mais diáfana paleta lilás, oferecia os seios ao leitor, e com eles seu coração, que o autor chamava de sagrado. Nenhum prazer pode nos reter na felicidade, pensei e penso agora, meses depois desse episódio. A pacífica certeza da melancolia do pós-guerra.

---

## RÉQUIEM PARA OS NATIMORTOS

*Edib Longo*

Ano: 2020. Nem bem nasceu e já está morrendo aos poucos. Nem devia constar em folhinhas, tal a inutilidade de contar ou saber seus dias. Às vezes, tenho a impressão que é o sábado, mas é a sexta, e por aí vai. A quinta-feira, pelo menos, é bem perceptível porque é dia de feira livre na minha rua. E chego a ficar feliz, pois estou viva e em plena quinta-feira. E dá-lhe a ouvir com gosto as ofertas dos feirantes, que antes tanto me irritava: “moça bonita não paga, mas também não leva”. E também tem a xepa que muitos miseráveis esperam para comer algo antes que o caminhão da limpeza chegue. Acordo do meu breve devancio, os dias continuam calados, obedecendo cabisbaixos aos comandos de um inimigo pior que a primeira bomba atômica que foi usada para dizimar 30% da população de Hiroshima. Mas, paradoxalmente, duvido que alguém vá se esquecer do ano do Senhor Jesus Cristo de 2020. Nem as crianças que estão aprendendo o bê-á-bá.

Para que dormir cedo, se amanhã não podemos trabalhar? Agora a vida se passa on-line. De repente, bebe-se um copo de uísque com pequenas pedrinhas de gelo para corromper a rotina em plena segunda-feira. E daqui a pouco o camarada se acostuma e se torna mais um frequentador dos Alcoólicos Anônimos, isso quando as aglomerações forem permitidas. Mas tragam as máscaras, senhores, pois com elas as bocas ficam lacradas e a vontade, de repente, passa despercebida. Acabaram-se os bêbados de fim de semana. Acabaram-se os happy hours, pois não se pode ter aglomeração. Acabaram-se as rodas de samba. Os compromissos agora são marcados através do zoom, enquanto as mortes têm hora certa.

Ano 2021. Vidas ceifadas: mais de 250.000.000. E lá se vão 250.000.000 espermatozoides desperdiçados. Uns já velhinhos — os chamados grupo de risco — que ouviam tristes os infames comentários: “tudo bem, já viviam no lucro.” Agora, eles só ouvem o “amém”, isso se tiverem alguns que se lembrem de suas partidas. Em vez dos asilos estarem vazios por causa de excursões desses senhorzinhos, estão vazios por causa da morte.

Histórias com reticências: mais de 250.000.000. Quantos sonhos não foram abortados, quantos prazos não foram vencidos, quantas perdas e danos, mas também quantas fortunas o Leão deixou de arrecadar com seu uivo tremendo

---

que dá tanto medo na gente que seguimos à risca todas as recomendações da famosa declaração do Imposto sobre a Renda?

E não podemos nos esquecer que o tal vírus viajou de carona nas bagagens da classe média alta e de ambos os continentes: americano e europeu. Ligo a TV e o que a gente vê? Mais números das malsãs estatísticas, frias, impessoais catalogando mortos sem quaisquer pensamentos sobre as idiossincrasias e experiências de vida dessas pessoas. A importância que cada um tem dentro de si. A alma que cada corpo protege. Agora são apenas óbitos registrados em cartórios e daqui a pouco transformar-se-ão em simples pó.

Como pode um ser humano caber em uma caixinha de poucos centímetros? E daí? A vida tem que continuar, diz um incauto cidadão. E a população virando pó. Quem foi, é pena. Tudo bem, agora temos que brigar pelos que continuam aqui pisando o mesmo solo deste país que muitos dizem amar, mas só em algumas ocasiões festivas. Volto a atenção à TV e, diante de mais estatísticas pandêmicas, mudo o canal.

Aí me defronto com as velhas notícias de corrupção, gente levando vantagem até em cima da negociação com as vacinas. Não tem jeito. O nosso jeito é o da molecagem. Cada um puxando a corda para o seu lado, sem se incomodar se está tirando o chão do outro. Ainda bem que voltou o Campeonato Paulista, penso feliz. Assistindo ao jogo e só vendo os jogadores sem plateia, com sons de torcida cantando absolutamente gravados, não acredito. Angústia. Tristeza. Solidão e, o pior, inação. Coração vazio como os milhares de lugares da arquibancada que se sente tão desolada quanto eu.

A mesma sensação me abate o ânimo ao assistir peças teatrais em lives. Parece que a gente ouve a velha radionovela, só que com uma imagem fria e indiferente e nós, sem quaisquer serventias, pois não podemos nem aplaudir. Ligo para meu irmão que é músico e o incentivo a fazer um réquiem para esses Anos Novos que se tornam velhos tão rápido, mas, ao invés de definharem, ficam mais poderosos, carregando consigo o rastro em pó das milhares de vítimas do vírus que nos encarcera e, o pior, esvazia nossa vontade.

Surge um convite para ir à casa de praia de um amigo. Sem aglomeração. Só vai ele e a mulher. Nem o cachorro vai levar porque dá trabalho e morde até morcego, se aparecer. Tento resistir, mas ele: “ah, vamos, vai, as coisas já estão mais brandas. Aí a gente vai andar no calçadão; passa o dia fazendo churrasco; bebendo uma cervinha gelada e jogando baralho. Já pesquisei a meteorologia

e esse fim de semana vai ser dez!” No meu pessimismo provocado por esta situação singular, penso:

[Haja nádega para aguentar tanto tempo sentada, o cara é fanático por jogo e quando começa, além da nádega, o fígado também vai ficar arruinado, porque também bebe o dia todo. Abre o bar às dez horas da manhã. Que esforço! Bem, mas não vou dar a mão à palmatória e ficar deprimida, isso não! Vamos nessa.] Antes de arrumar a mala para ir à praia logo de manhã, mudo o pensamento. Que mal haverá em dar uma voltinha pela cidade? De repente, algo diferente, atos com recatos ou sem moderações, mas gente interagindo.

Vou à janela do apartamento no vigésimo quinto andar e lá de cima, como se estivesse sobrevoando o mundo, vejo minha cidade dormindo. Pasmó! Como assim?! A cidade que nunca dorme, dormindo em pleno dia. São Paulo fazendo a sesta. Senti-me em uma cidade mexicana. As ruas silenciosas. Cadê o registro de: “a cidade que nunca para”? Como pode esse vírus adormecer assim a cidade mais agitada do país? Que é feito dos roncões dos carros? O que é feito do burburinho nos barzinhos com cadeiras vazias? Que saudade de ouvir os barulhos de minha cidade.

Os únicos barulhos que ouvimos são das ambulâncias que correm à procura de um lugar nas UTIs dos hospitais, que na maioria das vezes estão lotados ou não dispõem dos benditos respiradores. Meu Deus, minha cidade também está adoecendo! As lojas sem mostrar a moda da estação, com suas portas de aço inox abaixadas. Uma cidade em branco e preto como um filme chapliniano e com movimentos rapidinhos só na minha imaginação, pois na realidade nada se mexe, exceto as raras árvores sob o abanar do vento supervisionado pelo olhar complacente do tempo parado, estagnado e vazio como a minha alma. Nem o carro anunciando com aquela voz que em qualquer canto do Brasil parece a mesma, anunciando: “pamonha, pamonha, pamonha!”.

Pego o carro e resolvo (seguindo todos os protocolos: máscara, álcool em gel etc.) dar uma volta para matar as saudades que oprimem meu peito. Chego à porta do meu parque preferido e a enorme faixa de “fechado” gargalha na minha cara estupefata. Que mal pode haver para um ser humano conviver um pouco com a Natureza? Que vírus sobrevive diante de um oxigênio e um verde tão lindo? Faço meia-volta e, nem bem chego em uma rua, o semáforo sorri amarelo para mim e logo se abre todo. Mudo e vou por outra avenida onde o trânsito está sempre parado pelo excesso de carros e, indignada, brava mesmo, xingo os sinais que estão sempre se abrindo à medida que me aproximo. Que droga! Como adoraria aquele trânsito parado para melhor observar os transeuntes e inventar



novas histórias, vendo cada rostinho que está parado nos pontos de ônibus, que, inclusive, estão vazios. Até isso esse vírus está tirando de mim? Afinal, sou uma escritora e preciso de motivos e rostos e situações e... Bem, melhor me calar.

Mesmo que o semáforo estivesse sempre fechado, percebo que não tem seres humanos nas calçadas, exceto, aqueles que não têm realmente para onde ir: os mendigos, os excluídos da sociedade. Paro o carro próximo a um viaduto e fico observando a vida sem isolamento social que acontece ali. O cachorro lambe o chulé do mendigo que lhe coça a cabeça, quiçá, cheia de piolhos. O cachorro está em puro êxtase e lambe a mão do dono em um agradecimento de pequenos uivos. Parece um lobo perdido em um filme de terror. O mendigo tem uma companheira que, como toda mulher, mantém o cantinho em ordem. Acima da casinha de papelão, uma coisa maravilhosa aparece para embevecer os olhos da escritora à cata de ilusões: uma pequena prateleira com um vasinho de flores plásticas como a dizer “LAR DOCE LAR”. E, confesso, retiro-me com vergonha por ter invadido aquele pedacinho de privacidade. Como ousei ser tão impertinente?

Mas o espírito aventureiro ainda não está satisfeito e resolve dar mais uma volta. Quem sabe na estação do Metrô? Tem sempre mais gente, mais movimento, mais rostos cujas histórias as expressões nos contam. Paro na vaga destinada aos quinze minutos de embarque e desembarque de passageiros. Nada, como diria Guimarães Rosa, nonada. Ninguém. Já ligava o carro, quando... Esperem, aparecem dois rapazes. Vejo que estão se aproximando, pelo retrovisor. Ambos com as mãos dentro das jaquetas jeans. Ambos de máscaras, rigorosamente obedecendo ao protocolo exigido, e ambos assaltam a única pessoa que, como eu, tinha ousado sair de casa naquele dia frio e de garoa fina de Sampa. Uma senhora que com o guarda-chuva afasta os dois meliantes meia-boca que, com certeza, portavam potentes armas de plástico, como as flores mendigas da prateleira que enfeitava o cimentado viaduto. Aliás, minha realidade hoje está para lá de plastificada!

Não resisti e aplaudi veemente e orgulhosa aquela cidadã intrépida e ciente de seu direito de ir e vir, sem ser incomodada pelos poucos vilões da cidade que agora estão devidamente caracterizados e protegidos por máscaras. Pois é, não dá nem para fazer o retrato falado desses gatunos. Pelo retrovisor só vi os dois que ainda corriam, sem olhar para trás. A senhora entrou majestosamente na estação do Metrô, não antes de corresponder com um sorriso ao meu efusivo cumprimento. Pronto. Estão aí os motivos suficientes para escrever uma história. Como sempre, escrevo meu brainstorm rapidamente na agenda. Voltei à casa e

cá estou registrando neste exato momento toda esta experiência vivida, em uma simples fuga do meu enfadonho isolamento social imposto por este vírus que, se existe um inferno, com certeza veio de lá. Vamos à praia, então. Quem sabe lá não me deparo com um quadro com moldura dourada e lindas paisagens a la Monet?

Meu subconsciente, sempre tentando estimular o meu consciente, incentiva: “Vamos lá amiga, vai perder a guerra que está só começando. E, percebendo que meu consciente não esboça qualquer reação, insiste: “e não se esqueça, a guerra é um conjunto de pequenas batalhas que convergirão para o êxito ou o fracasso. Isso cabe somente ao seu livre-arbítrio. Sorrio de má vontade para meu consciente: “que bom, tenho escolha.” Ele retruca: “pior é se houvesse apenas a NDA”. Meu consciente é um chato. Resolvo ignorá-lo e me jogar de braços abertos à praia que gozarei no dia seguinte e, conseqüentemente, ao meu subconsciente que é mais positivo.

Depois de uma hora e meia apreciando, finalmente, o verde esplendoroso da Serra do Mar, chegamos. A casa é muito aconchegante e rodeada de plantas que nos dão a impressão que ainda continuamos descendo a serra. Colocamos as roupas adequadas e vamos aproveitar o sol da manhã no calçadão. Aí, meu consciente caiu de boca no meu dedão do pé. O mar estava lindo, fleumático e se exibia com ondas pacíficas que lambiam ludicamente a areia branquinha da praia que, por sua vez, está limpa.

Não se vê um papelzinho, uma pontinha de cigarro, uma latinha de cerveja, uma fraldinha boiando cheia de cocô, nenhum papel voando. E sabem por quê?! Agora, perguntem-me: por quê?! Vamos, não sejam tímidos. Fiquem abismados como eu, pelo amor de Deus, deem-me essa oportunidade de me achar uma pessoa normal. Vamos, perguntem. Sejam chatos como o meu consciente. Eu aguento. Não vão perguntar? Acham-me louca? Pois, respondo peremptória e precisa. Porque, meus eventuais leitores, tem uma razão muito simples: não existe nenhum ser vivo fora do mar, claro.

Espero que pelo menos os peixes, as baleias, os animais marinhos todos e até as sereias estejam a salvo, e estão, pois o maldito vírus não pode atingi-los, mas atingem os malditos componentes da espécie Homo sapiens que, isolados, morrendo de medo de morrer, não os podem depredar, pescar, matar etc. Nem sujar as praias! Viram o meu ponto de exclamação enorme em negrito? Senti-me, como diria Djavan, morrendo de sede em frente ao mar. Os “meia dúzia” de Homo sapiens nos calçadões parecendo ladrões mascarados, andando desconfiados e se desviando da gente como se fôssemos os leprosos do filme

Ben Hur que viviam naquelas cavernas horríveis. Passam por nós e os olhos se arregalam como se achassem que estamos invadindo a sua praia, como diria o grupo Ultraje a Rigor. Agora, fiquei saudosista. Quando a gente se atola no passado é porque a coisa está horrenda.

Olho para meus amigos e convido: “vamos parar em alguma barraquinha? Quero encher a cara para embaçar o que estou vendo. Uma praia com uma proibição de não se “pode entrar no mar”? O que viemos fazer aqui, então?” Meu amigo me olha triste: “as barracas estão fechadas, acho melhor a gente voltar para casa, começar um churrasquinho e abrir o bar. Temos a piscina. Isso é isolamento social, cara!” Resmungo: “pô, lá em casa eu só tinha que pegar o elevador e ir à piscina. Ver o mar e não sentir o gosto do sal?” Meu amigo com excesso de empatia: “eu ponho sal grosso na piscina.”

Senti-me traída, roubada, vilipendiada, enganada, enfim...batida por um vírus que é um assassino em série — agora com direito à tradução porque, infelizmente, ele é nosso — e, é tão poderoso que consegue não ser atingido porque é invisível, é brincadeira? Mas, diante da cara de meu amigo, meu subconsciente me acudiu e caí na gargalhada. Não quero ser tão chata quanto meu consciente que lá dentro de meus neurônios berrava: cacete! E, para combater o nosso inimigo, dependemos da inteligência do mesmo Homo sapiens que fabricará mais vacinas. Bom, pensando bem, ainda bem que não é outra Hiroshima, ainda nos restam esperanças.

Depois de uma, está bom, vai, várias cervejas, meu subconsciente se aproveita e manda o meu consciente me dizer que tenho mais é que me orgulhar de pertencer ao gênero humano. Hum, nada que uma bebidinha não nos engane. Mas não exagere e “beba com moderação”. [Esse “beba com moderação” é o meu consciente enchendo o meu saco. “Só o suficiente para não entrar em depressão, mas sem relaxar demais, senão, poderá se tornar vítima desse vilão que está engolindo o nosso ano que...”] Glupt! [essa sou eu] O 2020 que festejei há tão pouco tempo que, como todos; depois de comer a minha porção de lentilhas; sempre desejei coisas boas; ao invés de novos projetos, trouxe-nos inomináveis problemas e se tornou um infeliz Ano Novo natimorto. Acho que me esqueci de pular algumas das sete ondinhas do mar.

Definitivamente, esses anos são dois mortos que não deixarão saudades. Estamos quase no fim de 2021 que já foi ano novo e agora está fenecendo como flor murcha implorando por irrigação. Lá na corte, os nossos homens no poder, em vez de nos proteger, brigam por mais poder ainda para conseguir governar mais quatro anos, sem fazer quaisquer coisas por ninguém, apenas pelos seus

egos inchados e podres. Que pena, um país tão lindo e parece mais uma vítima do Coronavírus e está morrendo aos poucos, sem nem ao menos ter direito a um respirador, pois os políticos estão mais interessados em si próprios e a continuarem nos sufocando. Para quais súditos esses reizinhos querem governar? Os que são ricos, continuarão ricos. Os pobres, serão enterrados em covas como moscas dedetizadas caídas ao chão. Não parece um filme de ficção? Será que esses natimortos merecem um réquiem? FIM.

---

## A FOGUEIRA

*Jenny Alexandra Rugeroni*

### I

Quando é que isso vai acabar? Minha mãe diz para ter paciência, mas ela mesma não segue o que fala. Vive andando de um lado para outro, inventando coisas para fazer. Pede minha ajuda para acessar o sistema de trabalho remoto no computador. Ela é servidora da prefeitura: qualquer coisa do setor de finanças, uma dessas funções em que se trabalha muito e se tem pouco reconhecimento. Passa um monte de informações para os colegas, fazendo barulho enquanto digita. Fica achando ruim quando eu escuto música no quarto. Não posso nem ver meus amigos, pô, e até com a minha música eles implicam.

Meu pai também anda nervoso. Preocupado com dinheiro. Eu sei, conheço bem o jeito dele, mesmo que não comente nada. O que não muda nunca é a mania de se comparar comigo.

— Se você fosse como eu quando era moleque, aí é que ficava irritado. Eu adorava uma rua. Me dava coceira para jogar futebol com os amigos. Hoje a molecada vive trancada em casa de qualquer maneira. Que diferença faz?

Como se jogar futebol fosse a única coisa boa na vida. Aposto que ele só era assim porque não tinha Internet naquele tempo.

Da casa ao lado, vem um cheiro de bife na grelha. Me dá uma fome meio fora de hora. Ainda são dez da manhã. Quem será que está fritando bife tão cedo? Deve ser o casal de velhos que mora nos fundos. Os dois brigam o dia inteiro. Não sei como se aguentam. Acho que é falta do que fazer mesmo.

Minha mãe não para de falar: não precisa se isolar tanto, temos um quintal, por que não vai lá fora? Tome um pouco de sol, faz bem. Vá brincar com o Anúbis. Não vê que ele também está irritado? Esse cachorro tem muita energia, não pode sair para passear, você bem que podia dar mais atenção. Como se só existisse eu nesta casa. Meu pai fica deitado no sofá vendo televisão, e ela não fala nada. Pelo menos eu estou estudando. Depois não adianta reclamar que não tenho disciplina.

O grupo escoteiro mandou um desafio: fazer uma horta vertical em casa. Achei legal a ideia; vou fazer. Só ainda não comecei. Não sei por que é tão difícil começar as coisas.

Prometi que ia telefonar para minha avó, mas também não me animei. Estou devendo essa. Ela fica toda contente, só de falar comigo. Saudade da velhinha, e dos bolos que ela faz para o café da tarde... Até das músicas que ela escuta naquele rádio velho, das histórias repetidas que ela conta, coisas de avó.

E minha mãe parece que tem dez dentro dela. Por que não sossega? Antes da pandemia, tinha que ir em tudo quanto é reunião, trabalho voluntário, cursos disso e daquilo, sempre reclamando que estava cansada. Agora que pode descansar, por que não aproveita?

O Anúbis, meu pastor alemão negro, arranha a porta do quarto. Deixo-o entrar. Ele pula sobre mim, abanando o rabo, e começa a correr em círculos. Tá fedido, hein, moleque? Coitado, faz semanas que não toma banho. Tem esfriado bastante. Também não é para menos, estamos no final de abril.

Faz tempo que a gente não se envolve em nenhuma aventura. Quando criança, eu brincava que era um general, e ele um lobo guerreiro. A gente vencia as batalhas e salvava o mundo. Agora a guerra é de verdade, os inimigos são em número muito grande; a gente não dá conta. O jeito é ficar aqui na nossa trincheira, cuidando da segurança do exército, esperando o momento certo de agir.

## II

A ideia da fogueira no quintal surgiu quando vi aqueles gravetos na calçada. Quase não dava para enxergar, o sol estava fraco e a sombra da casa cobria tudo. Deu uma ventania ontem, o tempo estava seco, alguns galhos foram arrancados da árvore. Não precisava ser uma fogueira grande. Sair da rotina já estava bom.

Bem no meio do cimentado, eu e meu pai juntamos os galhos. Minha mãe ficou receosa, mas decidiu participar. Montou alguns espetinhos de legumes e batatas recheadas para assar na fogueira. Ensinei a ela como se faz ovo no espeto e pão de caçador, com a massa de farinha com sal enrolada ao redor das varas de bambu. Enquanto a comida ia assando, entoei a canção escoteira:

“Não é mais que um até logo  
Não é mais que um breve adeus  
Bem cedo junto ao fogo  
Tornaremos a nos ver...”

Nunca essa música foi tão verdadeira como agora. Dá uma saudade dos amigos, um aperto mesmo, mas quando tudo passar estaremos juntos, reunidos em volta de uma fogueira maior.

Depois do jantar escoteiro, minha mãe se recolhe. Fico vendo o céu com o pai. Mostro a ele o mapa estelar que baixei. Ele parece interessado. Procuramos as estrelas que aparecem no celular.

— Olha, é Sirius! E aquela outra é Aldebaran...

— Aquela maior de todas é Vênus. Nem é grande, só está bem perto da Terra.

Meu pai se espreguiça, deitado no cimento.

— Sabia que, em 1986, observei com seu avô a passagem do cometa Halley? Ele aparece a cada setenta e seis anos, e dizem que somente as pessoas de muita sorte conseguem ver duas passagens suas pela Terra.

Faço as contas mentalmente.

— Ué, pai! Você tem boas chances. Vai estar com oitenta e quatro anos na próxima vez.

Ele me faz um sinal para aguardar, e entra em casa. Volta trazendo um casaco para mim – já é início de maio, o frio aumenta cada vez mais – e algum objeto que não consigo ver na escuridão. Mostro para ele a minha constelação preferida, bem próxima do horizonte.

— Olha o Cruzeiro do Sul. Sabia que antigamente os navegantes se orientavam pela posição das estrelas? O Sul magnético está localizado dois dedos abaixo do cruzeiro.

Meu pai ouve com atenção. É a primeira vez que lhe ensino alguma coisa que ele não soubesse. Gosto da sensação de ser útil. Ele me estende o objeto.

— Não sei que fim levou o binóculo do seu avô. Mas vamos improvisar com a câmera fotográfica mesmo. O zoom é excelente.

Pego a câmera das mãos dele, com muito cuidado. Centralizo Vênus e vou aproximando o zoom. Aumentado duzentas vezes, o pequeno planeta me lembra uma peneira cheia de crateras. Então sinto um focinho úmido pressionando meu cotovelo, e perco a imagem.

— Anúbis, que é isso? Cachorro doido...

Devolvo a câmera para meu pai. Melhor não, tenho medo que ela quebre.

Ele põe a mão em meu ombro. Sinto o seu afeto; agora sei que ele sempre está presente, mesmo durante seus longos e preocupados silêncios.

— Eu era fascinado por estrelas, sabia? Tanto que tinha uma Via Láctea na minha parede quando era criança.

Ficamos calados por um bom tempo. Ele aproxima a câmera do meu rosto, e posso ver as estrelas bem mais próximas.

— Quando tudo voltar ao normal — diz ele —, vou comprar um telescópio de verdade para nós.



---

## VULNERÁVEIS

*Robson Rosário Curvêlo*

No silêncio insondável da galáxia, o planeta Terra repousa soberbo, sereno, em alegre alheamento aos riscos a que pode estar exposto. A órbita em equilíbrio, sol e lua ordenando a vida, assomando pontuais nos eixos dos trópicos e meridianos, a gravidade precisa de seu centro a possibilitar o contínuo vicejar da evolução humana, nenhum abalo sísmico ou erupção vulcânica a perturbar o rumo das famigeradas políticas sociais. Um ruído de expiração, estentórea, profunda e abafada, se aproxima do planeta em calmaria; não é possível determinar sua origem exata, distâncias e dimensões se mostram aparentes em um universo infindo nunca antes regrado pelo poder do tempo, permeado de matéria obscura, um negrume que esgazeia até o olhar arguto, pontilhado pelo brilho alerta de estrelas, algumas já extintas mas ainda reverberando o esplendor ulterior do que foram um dia, como velhas damas que resistem envernizadas pela memória. A expiração aproxima-se curiosa, desviando-se dos despojos de frustradas tentativas tecnológicas que pairam vagarosos ao redor, penetrando com boa velocidade as duas primeiras, e superaquecidas, camadas vaporosas do planeta, até atingir, e deter-se, na terceira, a estratosfera, ali onde o céu começa a esfriar e azular em placidez. Expirando mais profundamente, reparte-se elástica em duas, pulsando translúcida, absorvendo o ar menos denso dessa nova atmosfera. São agora duas presenças, translúcidas e imperceptíveis, em discrição e sem o fulgor de uma estrela ou cometa. Desde que expelidas do vácuo de um buraco negro, vagam em simbiose pelo cosmo em busca de um ambiente propício a sua maturação e desenvolvimento, tal qual a humanidade em seu instinto migratório. Aderem ao ozônio desgastado da estratosfera, três vezes oxigênio leve e volátil, e ponderam, não exatamente em um diálogo, mas em uma reticente projeção de impressões:

“Devemos descer aí?” Por que não? “Não sei, visto daqui parece haver tantos males concorrendo para infectar tão poucos corpos...” Parte desses males já deve estar sob controle, e como não há ainda nenhum como nós, seremos muito mais virulentos e letais que qualquer outro. “Se foram capazes de neutralizar parte desses que aí estão, podem igualmente nos neutralizar um dia...” Sim, mas até lá talvez seja tarde demais, já estaremos proliferados; não se preocupe, temos a fatalidade a nosso favor. “Preocupo-me porque não gosto de deixar de cumprir

integralmente meus propósitos, principalmente os de expansão, e, se há o risco de ser interrompido antes do fim, preciso considerá-lo.” Seja como for, considere que não será tão fácil encontrar outro habitat tão propício quanto este. “Não sei, desconfio que não seja tão propício quanto se faz crer, mas traiçoeiro.” Quanta insegurança... Eu reforço, temos não apenas a fatalidade, mas o cruel destino dessa civilização a nosso favor.

Segue-se a eterna e usual contenda entre ímpeto versus precaução, agora em silêncio consciencioso, cada qual dando um passo atrás para avaliar melhor o oponente e planejar um argumento de persuasão, não para derrotar o outro, mas salvá-lo de si próprio, de seu suposto raciocínio errôneo. É muito difícil aceitar uma opinião contrária sem ressalvas, principalmente quando esta advém de um semelhante que, por respeito, deveria sempre nos refletir, anuir às nossas vontades e receios, passivo e obediente, recalçando seus próprios desejos e tomando-nos como indiscutível exemplo:

Se prefere, podemos iniciar o contágio através dos animais; uma vez incubados em seus organismos, teremos tempo de nos multiplicar e fortalecer antes de atingirmos os humanos. Assim escamoteados, será mais difícil sermos descobertos e neutralizados, e é uma maneira garantida de contágio, veja, na contraditória cadeia alimentar daqui, apesar de mais fracos e menos ágeis, não há animal que esses homens não comam. “Seria degradante... Iniciar nosso domínio através de animais, que inclusive nem são nosso alvo. Seria um ato de covardia incoerente com nosso poder destrutivo.” É apenas uma opção a seu receio. Ademais, quando se toma reféns, é possível desestruturar toda e qualquer estratégia de defesa. “Mesmo assim, dessa maneira demoraria muito mais tempo para efetivarmos nosso legado.” Mas nossa noção de tempo não é a mesma que a deles, enquanto para nós é somente uma relação entre maturação e prioridades, para eles o tempo é uma voragem que os consome em angústia, uma doença exclusiva que criaram para si próprios, engendrada no bojo de suas mentes restritas que mal aprenderam a lidar com a finitude que, não sabem, abrange e ultima a todo o universo.

O debate cessa quando o lado em que estão do planeta vira ao sol. A camada de ozônio torna-se então incandescente, filtrando e refratando a luz solar, desvelando e reanimando a lassidão dos pequenos seres da Terra que começam a movimentar-se abruptamente, em tumulto, aos trancos e empurrões, formando filas múltiplas e intermináveis, cada qual exigindo o seu direito ao espaço, qual formigas confusas em um labirinto. Subitamente, são banhados pela inflexível

energia solar que, não fosse amenizada pelo ozônio, os incineraria em irrefletidos segundos. Os vírus, resistentes, flutuam silenciosamente em meio a essa camada de oxigênio mais puro, esperando a radiação solar arrefecer:

Perceba que são bilhões de seres cada vez mais aglomerados sobre pequenas ilhas de terra, imagine como poderemos procriar em um ambiente como esse; são afeitos à aglomeração e proximidade, pense em como será fácil deflagrar uma epidemia em questão de horas. “Se estão ilhados sobre a superfície do planeta, nós também não corremos o risco de ter nossa influência restringida aos limites de determinadas regiões? Como atravessaremos esses largos mares?” Ora, se já não inventaram, logo terão meios de locomover-se, e rápidos, pois são ansiosos e desafiam-se sempre, uns contra os outros, e nós iremos através deles, incubados, disfarçados e resguardados, seja por terra, por ar ou por mar. “Não irão se precaver, isolar-se uma vez infectados?” A ansiedade que os aflige e a displicência que têm pela própria espécie suplantam qualquer precaução, acredite.

Com o começo do dia nessa metade do planeta, uma nuvem negra e espessa, carregada de partículas pesadas, começa a elevar-se e acinzentar boa parte da troposfera, a primeira e imediata camada de atmosfera que os recobre e os separa do espaço exterior. Mal percebem o que aspiram, o que expellem, o que devolvem ao mundo em contribuição:

Olhe como sujam mais que limpam o próprio ambiente, sufocando-se em nome da velocidade e do progresso. Nem todos têm acesso à áreas naturais, esterilizam o pouco de solo deixado pelo mar não para construir simples abrigos, mas para acobertarem sob a gigantescidade de estruturas monstruosas seus egos e a veracidade de sua pequenez. Para nós, onde encontrar habitat melhor que esse? “Essas imensas estruturas comprovam que persistem em certo esforço de se protegerem da maneira que podem, alçando-se cada vez mais a toda sujeira que acumulam, isolando-se do que quer que seja nocivo e contrário às suas suscetíveis saúdes...” Escondem-se, isso sim, evitam o quanto podem qualquer contato com uma natureza já corrompida e comprometida, prejudicial. Estão acuados. “Talvez não. E se tentarem escapar para outros planetas?” Não poderão, dependem da leveza e da salubridade dessa atmosfera, dependem desses poucos recursos naturais para sobreviver. Fora daqui envelhecem muito mais rápido, falta-lhes o ar e definham, ressecados em seus corpos de constituição basicamente aquosa.

Não havia compaixão em parte desses argumentos, vírus não retêm sentimentos emotivos, somente avançavam em ímpeto de sobrevivência e

expansão, tal qual os primeiros homens da Terra, impondo-se em desespero de conquista, tomando voluntariosos o que quer que se lhes apresente à frente. E que nada lhes tente ser imune, que nada se lhes oponha resistência, porque ambos, homens e vírus, se impelidos à força, são fatais:

“Mas e a fragilidade deles? Será um empecilho, se agirmos com a violência da qual somos dotados eles não suportarão muito, será questão de horas para matá-los, e então feneceremos junto, enterrada nossa herança. Deveríamos escolher seres mais fortes, para termos melhores perspectivas.” Pois saiba que aqui eles têm o hábito de formarem grupos, chamados de famílias, pequenas comunidades que julgam compartilhar e perpetuar um forte vínculo, principalmente em relação a pessoas que estão fora desse grupo. Quando um infortúnio se abate sobre qualquer um da família, os outros membros são atingidos conforme a sensibilidade do vínculo; mesmo que nos infiltremos em corpos individuais, nossa consequência irá corroer os meandros da vida de todo o grupo, influenciando-os de dentro para fora, vitimizando a estabilidade emocional de cada indivíduo da família. Aqueles que não são infectados se sentem culpados, e são acometidos por uma outra enfermidade conhecida como melancolia, que tem como principal efeito oprimi-los face à realidade. Uma vez atacados pela melancolia perdem qualquer defesa natural, debilitando-se, enfraquecendo-se, facilitando ainda mais nosso contágio. E mais: membros dessa tal família não desistem uns dos outros, ficam próximos até o fim, apesar de qualquer risco; portanto, ainda que morram rápido, nossa contaminação estará beneficiada e garantida pelo número de seres vulneráveis ao redor da vítima principal. “E os que não fazem parte de uma tal família, que estão sozinhos, serão poupados de nossa infestação?” Ninguém será poupado, eles não costumam se abandonar, mesmo aos excluídos de uma família sempre surge alguém para assisti-los, confortá-los. Arriscam-se e condenam-se assim, exercendo uma espécie de apoio mútuo que classificam como beneficência, amor ao próximo...

Aproxima-se o meio-dia nessa parte do planeta, é quando a luz do sol, verticalizada, começa a desvanecer todas as sombras ao atingir em cheio cada pessoa, em cada intenção que, mesmo vacilante, sob esse ângulo do sol, não deixa rastros na breve indecisão entre o querer e o fazer. E é tão belo, daqui de cima é tão bela a vida ao meio-dia, intensa, alegre, vigorosa, confiante, sem sombras, aparentemente sem sofrimentos, desperta em plenitude, não mais sendo arrastada pela torrente das circunstâncias, mas presente, sorvendo cada pequena comoção de sua existência:

Observe como eles pulsam agora em veias salientes, feixes de músculos rijos, o rubor saudável de um organismo vivo que freme em energia, inspirando com vontade, afirmando-se em exaltação, com força e veemência. Vamos, este é o melhor momento... “Espere. Você não percebe, não entende o que faz com que sejam assim, de onde vem todo esse arrebatamento que os toma, os envolve e os fortalece? Isso não é humano, está muito além dos ossos e da carne, talvez até de suas mentes. Eu pressentia que se tratava de um ambiente traiçoeiro, só não sabia por quê. Agora eu percebo, claramente: essa emanção, flama incerta, rente a cada um deles, não é um mero campo de força ou reflexo do esplendor do dia, mas a manifestação de um poder invisível que escapa aos limites de seus corpos e até às suas compreensões. É uma forma de abstração original e extrema chamada fé, que invocam principalmente quando em crise e que, além de protegê-los contra males desconhecidos, é capaz de combater qualquer doença, abater qualquer infecção, espantosamente, negando até suas certezas mais racionais, tão evoluídas que não conseguem confiar em nenhuma outra forma de energia que não provenha do sacrifício terreno.” Não estaria você confundindo esse termo fé com a conhecida esperança, promessa vã e fugaz que só esses seres, com franca habilidade para a ilusão, têm o poder de suscitar? “Não; a esperança, de fato, é só uma ideia que elevam como alento e da qual dependem para induzir-se a um novo dia, a uma nova tentativa. A fé é um estado superior à esperança, imune até ao tempo, faz com que entrem em contato com o tal espírito, aguda consciência íntima, e se conformem, se salvem de seus próprios desesperos, de seus próprios enganos cometidos em função da desastrada evolução. É a fé o que lhes convence de que são perdoáveis, apesar de instáveis e contraditórios, sempre oscilando entre o bem e o mal. É inesgotável porque está enraizada em suas origens, bem ali no fundo do segredo inatingível do que são, de onde vêm. Muitos de nós já foram extintos precocemente nesse planeta ao serem confrontados por essa miraculosa abstração, que interrompe nossa influência nos organismos humanos sem ao menos produzir anticorpos, destruindo-nos absolutamente em silêncio e mistério. Não, definitivamente, não devemos descer aqui, não temos defesa contra isso, é uma armadilha. Busquemos outra civilização mais evoluída, menos afeita à perigosas abstrações.”

# MICROCONTOS

**11.441/07**

*Carlos Brunno Silva Barbosa*

Sem beijos, nem abraços, se cumprimentaram. Graças à pandemia, com o divórcio consensual finalmente concordaram.

## A CURA

*Alex Alexandre da Rosa*

Depois da vacina, Enzo correu para a casa de seus pais. Caminhou por ruas antigas, desconhecidas. Mesmo antes da epidemia não os visitava. Vivia preso em suas próprias contaminações. Assim como o planeta, precisava de cura. Abraçou-os como se nunca mais quisesse soltá-los.



*Valeria Borges*

Três meses sem ver meus queridos. Uma semana sem ligar para os velhos. Invisto todas as horas sem trabalho em dois aplicativos de relacionamento. Um só não sacia minha sede de atenção. Conversas vazias com estranhos para enganar a solidão e o medo. No fundo, esperança de amo/ar.

## CINZAS

*Paulo Florindo*

Tossiu. O termômetro marcou trinta e oito graus e meio. O cansaço tomou conta do corpo. Uma semana depois, entubado, refletiu sobre as consequências da carreata contra o isolamento social. Seu arrependimento sucumbiu aos mil graus do forno do crematório.

## IMUNIZADA

*Soninha Nunes*

Tomou a primeira dose, a segunda e a terceira. Fez o teste e deu negativo. Mas continua só.

## DIÁLOGOS DA PANDEMIA

*Lucas Antonio Kirilko*

- Doutor, não tô legal. Acho que peguei COVID.
- Certo, então você vai tomar esse remédio...
- Vai fazer o teste antes?
- Não precisa.
- O remédio funciona?
- Não. Três vezes ao dia até acabar.
- E se morrer com esse remédio que não funciona?
- COVID. Próximo!

## MELISSA

*Monize Luiz Santos*

No auge da pandemia, precisei sair de casa com a minha filha. Então expliquei:

— Melissa, não toque em nada, porque o coronavírus pode estar em qualquer lugar. Ele é invisível.

— Tá bom, mamãe. Ele está brincando de esconde-esconde com a gente, né?

## INFÂNCIA INTERRROMPIDA

*Marcos Antonio Campos*

A Pandemia levou os sonhos e os pais de Pedro. Desestruturado, foi viver nas ruas. Sem conseguir ler, dormiu sobre uma folha de papel. Quando acordou, não havia mais jornais.

## SAÍDA

*Olivaldo Gomes da Silva Junior*

Tinha dado na tevê, e Eurídice não podia mais sair. Home office, crianças sem aula, álcool e máscaras.

E ela, que não sabia costurar, nem cozinhar, nem cuidar da casa, aprendeu tudo isso.

Fimda a quarentena, deu na tevê: “Podem sair!”, mas ela nunca mais saiu de si mesma.

## VÍTIMA DA ESTUPIDEZ

*Sebastião Pereira do Nascimento*

Da turma que frequentava o clube, Malta era o mais contestador. E desde o início da pandemia – levado pela estupidez – subestimou o vírus e negou as recomendações sanitárias. Tempos depois, o vírus deu trégua, o clube reabriu e a turma voltou. Menos o Malta...



## PAUSA

*Élide Correia Cervantes*

Radialista amadora de voz madura e forte, inicia mais um programa de rádio via internet. É noite de janeiro de 2021. Cumprimenta e agradece os ouvintes presentes. Por duas horas é proibido falar do “bicho”. O momento é de alegria ao som de moda de viola. Ainda bem.

## OLHARES

*Renato Massari*

Apagou do seu mundo a pandemia. Por que tantos olhares de medo, tantos cuidados? Tudo explodia em brilhos, cada minuto perdido era um minuto a menos de vida. Com certeza, aterrorizavam as pessoas. Arrumou-se; ia à festa. Ao se olhar no espelho, uma caveira lhe sorria.

## DESPEDIDA

*Gabriel Alencar*

Choravam muito, a família estava reunida em volta do doente. Os médicos aguardavam.

— Não há de ser nada — ele dizia.

A esposa limitou-se a abraçá-lo.

— Não há de ser nada — ele mentia.

Entubaram-no.

## O INCRÉDULO

*Regiane Cristina Lopes da Silva*

Ele não acreditava na existência do novo coronavírus, na pandemia e nas vacinas. Nada de distanciamento social, máscara, higienização das mãos. Primeiro, perdeu o irmão. Depois a mãe, pai, esposa e filha. Ficou dias entubado. Por fim, perdeu a própria vida.

## OXÍMEL

*Diógenes Carvalho Veras*

Maria aposentou-se após 25 anos. Mudou-se para a casinha na zona rural, paga enquanto trabalhou. Cuidaria do amplo quintal verde. Quando o dia nasceu, o vírus fez seu pulmão colapsar. À tarde, o cadáver voltou para morar no cemitério, vizinho ao apartamento onde fora feliz.

## IRONIA

*Lucas Antonio Kirilko*

Nunca gostei de sair de casa. Até que um dia disseram que não poderia sair por um tempo. A proibição me fez ter saudade de algo que não me atraía muito, porém obedeci. Até porque olhar pela janela e ver quem estava saindo de casa me fez amar ainda mais meu sofá.

## ÚLTIMO SUSPIRO...

*Sebastião Pereira do Nascimento*

Em algum lugar distante da Ásia, no final de 2019, Sofia ouve sobre o primeiro caso de covid em Wuhan, China. No início de 2020, Sofia – afetada pela covid-19 – ouve do médico na UTI: “ela vai ser entubada!” Mas não foi necessário, Sofia deu seu último suspiro...

## OS DOIS

*Brunno Vianna de Andrade*

Um pegou do outro. Os dois foram internados no mesmo dia. Um não sabe se o outro sobreviveu.



## MAIS DO QUE PALAVRAS

*Agnes Izumi Nagashima*

Sempre disseram a ela que os olhos refletiam como espelho. Nesse triste e sufocante momento de pandemia, compreendeu mais ainda esse significado. Pelo olhar ela percebia o que a boca escondida atrás de uma máscara queria dizer.

## **FIM**

*Soninha Nunes*

Sempre disseram a ela que os olhos refletiam como espelho. Nesse triste e sufocante momento de pandemia, compreendeu mais ainda esse significado. Pelo olhar ela percebia o que a boca escondida atrás de uma máscara queria dizer.

